FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA – FATIN

DANILO ROMAGNA DIAS TIMÓTEO DA SILVA

O QUARTO MANDAMENTO - O SÁBADO CRISTÃO SOB UMA PERSPECTIVA REFORMADA

CURIONÓPOLIS – PA

2022/1

DANILO ROMAGNA DIAS TIMÓTEO DA SILVA

O QUARTO MANDAMENTO - O SÁBADO CRISTÃO SOB UMA PERSPECTIVA REFORMADA

Trabalho da disciplina de Metodologia Científica, curso de Bacharel em Teologiae da Faculdade de Teologia Integrada – FATIN. Profª Msc.

Christiane Joyce R. M. Alves

CURIONÓPOLIS – PA

2022/1

DANILO ROMAGNA DIAS TIMÓTEO DA SILVA

O QUARTO MANDAMENTO - O SÁBADO CRISTÃO SOB UMA PERSPECTIVA REFORMADA

Trabalho da disciplina de Metodologia Científica, curso de Bacharel em Teologiae da Faculdade de Teologia Integrada – FATIN. Profª Msc.

Christiane Joyce R. M. Alves

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador

2º Examinador

Data de Aprovação: _____/_____/_____.

CURIONÓPOLIS – PA

2022/1

RESUMO

O Sábado cristão apresenta algumas dificuldades de interpretação, como muitos temas que caracterizam o cristianismo. A perpetuidade do quarto mandamento e sua relação com o primeiro dia da semana são as duas grandes questões que buscam ser respondidas e que são notoriamente os alvos de controvérsia na história.

O objetivo deste trabalho é responder as duas principais questões supracitadas. Este trabalho busca revelar o "fio de ouro" do Sábado dentro da história da igreja, ou seja, no meio das controvérsias históricas, é possível ver o sábado em sua essência sendo observado. Dentre os principais pontos, nesse trabalho procura-se argumentar que: (1) O primeiro dia da semana foi o dia escolhido pela maior parte da igreja cristã como Sábado do Senhor na história da igreja cristã desde os primeiros séculos da era apostólica; (2) A profunda relação do Sábado com a criação é o que fundamenta a perpetuidade de seu vigor para a igreja nos períodos da Antiga e Nova Alianças; (3) A doutrina da redenção e sua relação com a criação é o alicerce da mudança do dia de Sábado, do sétimo para o primeiro dia da semana; (4) por fim, o Sábado cristão sela e confirma a vida cristã como vida dedicada ao Senhor. O Sábado marca a Igreja!

Palavras chaves: sábado, domingo, dia do Senhor, quarto mandamento, lei moral, criação.

ABSTRACT

The Christian Sabbath presents some interpretation difficulties, as many other themes which characterize Christianity. The fourth commandment perpetuity and its relation to the first day of the week are the two great questions that seek to be answered and which are notoriously the targets of the controversy in history.

The objective of this paper is to answer the two main questions mentioned above. This work seeks to reveal the "thread of another" of the Sabbath within the church history, i.e. between controversies stories, it is possible to notice the Sabbath in its essence being kept despite the difficulties. Among other points, this paper argue that: (1) The first day of the week was the day chosen by the majority of Christian church since the earliest centuries of the apostolic age; (2) The Sabbath's deep relation with the creation is what justify its perpetual vigor to the church in the Old and New Covenants; (3) The Redemption doctrine and its relation to the creation is what substantiate the change of the Sabbath day, from the seventh to the first day of the week; (4) Finally, the Christian Sabbath seals and confirms the Christian life as a life dedicated to the Lord. The Sabbath marks the Church!

Key words: Sabbath, Saturday Sunday, Lord's day, fourth commandment, moral law, creation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO I: AS BASES DO ENTENDIMENTO 9

CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DO SÁBADO CRISTÃO 13

Os Pais da igreja 13

A Idade Média 19

A Reforma Protestante 23

Os Puritanos e a Pós-reforma 27

CAPÍTULO III: A TEOLOGIA DO SÁBADO CRISTÃO 34

A Criação: O Caráter Moral e Perpétuo do Sábado Cristão 34

A Universalidade do Sábado na Criação 35

O Sábado como Descanso ("... descansou...") 36

O Sábado como Fonte de Bênçãos ("... abençoou...") 37

A Santificação do Sábado ("... santificou...") 38

O Sábado como Tipo da Eternidade 40

A Moralidade do Sábado 43

A Redenção: O fundamento para a mudança do dia 47

CAPÍTULO IV: GUARDANDO O SÁBADO CRISTÃO 57

Do Culto e das Obras de Piedade e Devoção 61

As obras de Necessidade 68

As Obras de Misericórdia 71

CONCLUSÃO 76

BIBLIOGRAFIA 77

INTRODUÇÃO

Nosso amor pode ser medido pelo tempo. Quanto tempo eu desejo passar com minha esposa, quanto tempo eu passo com meus familiares, amigos, quanto tempo eu dedico a certas coisas, pessoas, afazeres etc. Obviamente, não significa que sempre que eu passo muito tempo fazendo algo queira dizer necessariamente que eu ame aquilo. Talvez você esteja em um trabalho que toma horas do seu dia, mas você definitivamente não o ama. Porém, certamente, se você ama alguma coisa, você quer dedicar seu tempo a ela, e quanto mais você ama, mais tempo é dedicado. Dedicar todo um dia ao Senhor, é amá-Lo, como Ele ordenou.

Aos 13 anos de idade tive a oportunidade de estudar em um colégio Adventista, onde conclui o ensino médio. Ali ouvia muito sobre o Sábado. Foi exatamente onde começaram minhas dúvidas sobre o Quarto Mandamento. Tive um professor a quem questionava bastante sobre a teologia adventista, e os assuntos que mais conduziam nossos diálogos eram o Sábado e o Inferno (os adventistas são aniquilacionistas). Apesar de, no início, ainda fazer parte de uma igreja que não focava muito na doutrina, e de não possuir conhecimento teológico, eu havia firmado na minha mente: não fazia sentido a igreja protestante, na maior parte de sua história, majoritariamente, guardar o domingo, e de repente surgir uma Igreja, relativamente nova, que entendeu ["o óbvio"]: o sétimo dia é que deve ser guardado e toda a Igreja tem errado até aqui. Isso não fechava na minha cabeça. Então passei a pesquisar o que podia na internet. Sem conhecimento de alguma boa literatura sobre o tema, achei o que para mim pareceu suficiente – várias citações dos pais da igreja nos primeiros séculos da era cristã se referindo ao "primeiro dia da semana" como dia de descanso. Fui convencido de que a questão não era "*se* o dia havia mudado [do sábado para o domingo]", mas "*porque* o dia havia mudado". Isso pareceu fazer muito sentido.

Alguém poderia me acusar de me deixar levar pelos meus pressupostos. Ora, mas é claro. Mas pense que eu poderia ter sido convencido, como muitos um dia se tornaram adventistas, apesar de seus pressupostos. Simplesmente, ainda com pouco conhecimento, resolvi me resguardar sob o princípio da humildade histórica, preferi assumir o que entendia ser a minha fé, apesar de não a conhecer muito bem, e ir a fundo no tema. Durante os meus estudos independentes, caí em algumas ciladas, como por

exemplo entender que simplesmente o quarto mandamento não devia mais ser guardado. Essa é a visão da maior parte da igreja evangélica hoje no Brasil, por influência do dispensacionalismo. Eu ainda não havia descoberto a fé reformada. Só em 2011 descobri uma Igreja Presbiteriana e, assim, junto dela as demais coisas: a pregação expositiva, o princípio regulador do Culto, a disciplina eclesiástica, e o dia do Senhor. Uma fé histórica que tem preservado tesouros valiosos para a edificação da Igreja de Cristo. Então foi uma espécie de redescoberta do tema. O dia do Senhor apareceu mais uma vez para mim, agora muito mais robusto, com muito mais significado.

Em 2015 entrei no seminário. Este livro é resultado da minha monografia na conclusão de meu curso em Teologia. Hoje como pastor não só ensino a respeito do dia do Senhor, mas com mais maturidade, desfruto do dia Senhor como um mercado para minha alma. Alguém que considere pesado demais passar um dia com o Senhor, certamente achará infinitamente terrível passar uma eternidade. O dia do Senhor é o mandamento do tempo, que determina, exatamente por essa linguagem, que devemos amar o Senhor passando tempo com Ele, segundo Ele ordenou. Quanto mais o guardo, mais amo ao Senhor.

No primeiro capítulo pretendi esclarecer alguns pontos importantes para a hermenêutica do tema. Acredito que sem alguns critérios, se é a primeira vez que você estuda sobre isso, seria mais difícil entender algumas coisas. É disso que se trata o primeiro capítulo. No segundo, trabalho a parte histórica do dia do Senhor em quatro períodos: Patrística, Idade Média, Reforma Protestante e Pós-Reforma. No terceiro capítulo, trato da teologia do Sábado, em duas partes: Na primeira, da perpetuidade do quarto mandamento e a defesa da sua guarda hoje, fundamentado na doutrina da Criação; na segunda parte, trato da mudança do dia, do sábado para o domingo, com base na história da Redenção. No último capítulo está a parte prática, onde procuro trazer algumas orientações gerais sobre a guarda do dia do Senhor propriamente dita, seguindo a estrutura do Catecismo Maior de Westminster, Pergunta 117, que sugere os tipos de obras a serem praticadas nesse Dia: obra de devoção, obra de necessidade e obras de misericórdia. Espero que este pequeno livro cumpra o seu propósito de convencer você leitor que o domingo é um dia especial e, para o bem de sua própria alma e alegria de seu lar, devemos guarda-Lo como o dia do Senhor, segundo Ele ordena.

CAPÍTULO I: AS BASES DO ENTENDIMENTO

O Sábado cristão é um dos temas controvertidos do cristianismo.[1] Alguns fatores podem explicar esse fenômeno, por exemplo, na Bíblia "nenhum outro mandamento é enfatizado tão fortemente".[2] O Sábado, durante a história da Igreja, desde o período bíblico e após, foi tomado como selo da verdadeira religião.[3] A devida observância do Quarto mandamento foi responsável por caracterizar o cristianismo de tal forma que possuiu uma ação marcante na vida espiritual e material dos homens, na igreja e na sociedade.[4] Esse tipo de resultado e relação do homem com o dia de descanso iluminou o vigor do Sábado.[5] Isso pôde ser visualizado num tempo em que a Igreja havia emergido de um período de trevas e ignorância religiosa, política, econômica e social, [6] para então se organizar e formalizar sua crença.[7] Assim, o Sábado Cristão tornou-se uma marca evidente da religião protestante reformada.[8]

A história revela de alguma forma que o Quarto mandamento está na consciência dos homens exercendo o poder da moralidade ligado à sua natureza, que ordena e inclina o coração do homem à obediência. Essa é a própria descrição da natureza da Lei moral de Deus, conforme Ernest Kevan afirma:

> A lei moral dada por Deus causa uma nova obrigação a partir do fato de que é formalmente comandada. Assim, embora a substância da Lei da Natureza e da Lei moral concordem em muitas coisas, o homem que quebra os Dez Mandamentos em sua forma promulgada é culpado por pecar de forma mais hedionda do que o homem que nunca os recebeu. [9]

---

[1] BAPTISTA, Walter. **Dia de descaso.** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/dia_descaso.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[2] VERBRUGGE, Verlyn D. **Novo dicionário internacional de teologia do novo testamento. [edição condensada].** São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 535.
[3] GRONINGUEN, Van. O sábado no antigo testamento, II. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/sabado2_van.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[4] PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus.** São Paulo: Editora Fiel, 2016. p. 390.
[5] "O Sábado (...) difere de outros deveres indicados para o cristão. Esses são na maior parte pessoais, e peculiares ao indivíduo; já o sábado é uma ordenança social e pública. Aqueles mandamentos podem ser observados por indivíduos como tais, sem que interfiram na sua observância por parte dos seus semelhantes; o sábado não pode ser observado de modo geral ou completo sem a cooperação e o consentimento dos outros." (BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. p.156).
[6] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos. Uma história da igreja cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 221ss.
[7] WOOLSEY, Andrew A. **Unidade e continuidade na teologia da aliança.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015. p. 33ss.
[8] PACKER, J. I. Op. Cit. p. 388.
[9] KEVAN, Ernest. A lei moral. Recife: Editora os puritanos. 1º ed. 2000. p. 64.

Uma compreensão devida quanto ao conceito e importância da lei moral é requerida, uma vez que esse é um tema que está no próprio cerne do entendimento teológico reformado, e envolve o Sábado diretamente, que foi incluso naquela Lei dos Dez Mandamentos, a Lei Moral de Deus a qual requer obediência universal e perpétua dos homens, ela que "é preeminente, e isso é visto primeiramente no fato de que ela é a base para as outras leis, e elas são redutíveis nela". [10] A Lei moral rompe as trincheiras da nação israelita e constrange todos homens em todos os tempos à sua devida observância, assim é notavelmente distinta. "É incongruente ter uma obrigação temporária sobre um dever perpétuo. É totalmente improvável que Deus, ao dar a Lei por intermédio de Moisés, pretendesse que a Lei fosse somente temporária em sua obrigação quando o assunto é, em si mesmo, perpétuo". [11] James Bannerman destaca as principais marcas que distinguem a Lei moral do restante da lei dada à nação de Israel. Algumas delas são:

> 1º) A maneira em que foram promulgados os Dez Mandamentos no Sinai [...] 2º) A maneira como foram preservados os Dez Mandamentos, bem como a maneira como foram promulgados. [...] 3º) (...) A lei moral, expressa nos Dez Mandamentos, havia sido escondida dentro da arca da aliança, como se não mais fosse promulgada para que o homem a guardasse como meio de gerar vida para a sua alma, mas como se aguardasse ali até que chegasse o dia quando seu esconderijo fosse exposto, e o véu que a escondia fosse rasgado pelo meio, ocasião em que ela mesma saísse dali para ser cumprida, satisfeita e honrada pela obediência e morte do Filho de Deus. Essa morte verdadeiramente aboliu e destituiu de toda e qualquer honra os mandamentos rituais e carnais de uma dispensação desgastada e ultrapassada. E ainda confirmou e magnificou a lei dos Dez Mandamentos como lei que não pode jamais ser alterada nem abolida, exatamente porque o Filho de Deus precisou morrer para cumpri-la. 4º) A própria natureza da lei dos Dez Mandamentos, e as razões das quais essa lei se originou (...). [12]

Essas peculiaridades da Lei moral a tornam especial, isso certamente se aplica ao Quarto mandamento. Não há razão que explique uma modificação e uma exclusão do Sábado da lista sagrada dos Dez mandamentos, que foram igualmente escritos pelo dedo de Deus, diferentemente das leis cerimoniais ou civis. [13]

Diante disso, a Igreja neotestamentária observou os Dez mandamentos, incluindo o Quarto, porém ocorreu uma mudança que será explicada no terceiro capítulo

[10] KEVAN, Ernest. **Op. Cit**. p. 67.
[11] Ibid. p. 71.
[12] BANNERMAN, James. **Op. cit**. p. 397ss.
[13] Êx 31.18.

deste trabalho. Antes é preciso observar algumas regras para consolidar o entendimento a respeito dessa mudança, isso diz respeito a um princípio de interpretação utilizado pela Igreja na história que diz que "Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser *lógica e claramente deduzido dela*".[14] Especialmente essa última expressão, "lógica e claramente deduzido dela", é um princípio hermenêutico importante para a compreensão de doutrinas como a doutrina da Trindade, da dupla natureza de Cristo, do Culto e dos Sacramentos. Esse princípio se encontra na própria natureza da Teologia Sistemática, "que depende fortemente da dedução das consequências divinamente intencionadas da Escritura".[15] Segundo Ryan McGraw: "Sem essas deduções e as conclusões que se baseiam sobre elas, perdemos a capacidade de fazer perguntas importantes da Bíblia". Esse princípio não poderia ser tirado da hermenêutica bíblica sem que lhe trouxesse grande prejuízo, pois, "não somente as Escrituras requerem o princípio do 'lógica e claramente deduzido', mas sua grande importância também reflete na teologia e prática da igreja através dos séculos".[16]

Por esse princípio a doutrina do Sábado fora bem consolidada por teólogos como Jonathan Edwards que disse:

> a intenção e vontade de Deus, com relação a qualquer dever a ser realizado por nós, podem ser suficientemente reveladas na Sua Palavra sem um preceito específico, com muitos termos expressos, ordenando-as. O entendimento humano é o ouvido ao qual a Palavra de Deus é falada; e, se ela for falada de tal maneira que esse ouvido possa claramente escutá-la, é o suficiente. Deus é soberano na maneira em que declara a Sua vontade, quer a fale em termos expressos, quer a fale ao dizer diversas outras coisas que a impliquem, e pelas quais, quando comparamos [essas coisas], claramente percebamos [Sua vontade]. [17]

Esse entendimento se aplica à clara e lógica dedução da perpetuidade do Sábado e especialmente da mudança do dia, do sétimo para o primeiro da semana, como será trabalhado no terceiro capítulo. Por exemplo, pelo fato de a Igreja ter passado a se reunir naquele dia, Bannerman explica:

> Existe um princípio geral, que não se pode negar, que o exemplo das Escrituras com respeito a qualquer dever, quando é o exemplo de homens inspirados, e quando não está relacionado a alguma função ou

[14] **Confissão de Fé de Westminster**, I.VI.
[15] MCGRAW, Ryan. **Todo o conselho de Deus. Lógica e claramente deduzido das Escrituras.** Recife: Editora Os puritanos, 2014. p. 10.
[16] Ibid. 45.
[17] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

> caráter extraordinário que possuam, deve ser considerado como preceito obrigatório das Escrituras.[18]

"Deus nos deu tal entendimento, que somos capazes de receber uma revelação quando é feita de maneira diversa", [19] como defende Bruce Waltke:

> O dia de descanso faz sentido para os cristãos, pois é uma necessidade prática para a igreja escolher um determinado dia para a adoração comum. Entretanto, assim como a Páscoa foi substituída pela ceia do Senhor e a circuncisão pelo batismo, as funções do sétimo dia se cumprem no primeiro dia da semana, quando comemoramos a ressurreição de Cristo dentre os mortos. No NT, a celebração da ceia do Senhor no primeiro dia da semana traz à lembrança dos cristãos seu relacionamento especial com Deus. Assim como a ceia do Senhor substituiu a Páscoa e o batismo substituiu a circuncisão, os crentes no Senhor Jesus Cristo ressurreto reuniam-se no primeiro dia da semana, o dia do Senhor (Ap. 1.10). Eles o faziam para partir o pão e ler, ensinar e estudar as Escrituras (Jo 20.1,19-23; At 20.7; 1Co 16.1) e comemorar a ressurreição de seu Senhor naquele dia. [20]

O primeiro dia da semana, chamado domingo, é declarado "dia do Senhor", [21] o dia em que a Igreja do Novo Testamento passou a se reunir como mandamento perpétuo, e essa é uma verdade clara e logicamente deduzida e deve, portanto, ser continuamente obedecida. Isso será demonstrado nos três capítulos seguintes.

[18] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 403.
[19] Ibid.
[20] WALTKE, Bruce K. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: editora vida nova. 1º ed. 2016. p. 479.
[21] Ap 1.10.

CAPÍTULO II: A HISTÓRIA DO SÁBADO CRISTÃO

A presente análise não tem por objetivo se ater às controvérsias ou meramente às discussões em torno do tema, mas sim procurar esclarecer o desenvolvimento específico do conceito do dia do Senhor como Sábado cristão, sendo delimitado entre os períodos dos pais da igreja até a pós-reforma.

Os Pais da igreja

O período da patrística foi um tempo de extremas controvérsias.[22] Foram momentos para consolidação de diversas doutrinas, sendo, então, produzidos os primeiros credos, como o Credo Apostólico (séc. II), Niceno (séc. IV, c. 325), Constantinopolitano (séc. IV, c. 381) e o Credo de Calcedônia (séc. V, c. 451).[23]

É interessante perceber que no período próximo da era apostólica, até meados do século V, surgiram entre os cristãos dificuldades relacionadas às doutrinas mais fundamentais, como, por exemplo, a doutrina da Trindade,[24] a doutrina da divindade do Espírito Santo,[25] ou mesmo a doutrina das duas naturezas de Cristo.[26] Segundo Walker[27] o período entre 70 e 110 d.C. "foi uma época de rápidas mudanças na própria igreja...". E ele esclarece que "... a penetração de ideias provindas de fontes outras que não as cristãs, sem dúvida, trazidas por conversas de antecedentes pagãos, modificaram as crenças e as práticas cristãs...".[28] Por isso, conforme o entendimento de Pipa, "é difícil universalizar a atitude da igreja primitiva sobre qualquer assunto."[29] A igreja tinha suas dificuldades teológicas e práticas mesmo enquanto os Apóstolos estiveram presentes, e quando eles se foram houve a necessidade de uma organização nos pensamentos e,

[22] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2º ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1988. p. 82.
[23] Ibid. p. 107.
[24] Credo de Nicéia.
[25] Credo Constantinopolitano.
[26] Credo de Calcedônia.
[27] WALKER, Williston. **História da igreja cristã, volume I.** São Paulo: Aste, 1967. p.55.
[28] Ibid. loc. Cit.
[29] PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor.** 1º ed. Recife: Editora os puritanos, 2000. p. 138.

inicialmente, “aqueles que viveram mais perto dos apóstolos tiveram uma dificuldade em apreender a verdade de maneira sistemática.”[30]

Não é de surpreender, portanto, que tenha havido, naquela época germinal, dificuldades de interpretação quanto ao Sábado cristão.[31] É natural que houvesse tais dificuldades, uma vez que a igreja dos primeiros séculos estava deixando de andar sob a orientação direta dos Apóstolos e, à medida em que crescia, a diversidade de pensamentos crescia junto. Cairns afirma:

> “Os convertidos à fé cristã vieram ou do legalismo judaico ou do ambiente pagão da filosofia grega. Muitos desses convertidos, antes que a Igreja os instruísse corretamente, tinham a tendência de levar suas velhas ideias para seu novo ambiente.”[32]

Assim sendo, um tema como o Sábado era facilmente alvo de controvérsias já que, por exemplo, existia uma atenção especial dos judeus sobre o *Shabbath*, por isso Inácio de Antioquia, entre o final do primeiro século e início do segundo afirmou:

> Assim os que andavam na velha ordem das coisas chegaram à novidade da esperança, não mais observando o sábado, mas vivendo segundo o dia do Senhor, no qual nossa vida se levantou por Ele e por Sua morte, embora alguns o neguem.[33]

“Dia do Senhor” era a expressão comumente usada pelos Pais da Igreja para se referir ao primeiro dia da semana, como assume R. J. Bauckham: “parece claro que, no final do século II essa era (juntamente com *dies Dominica*), seu equivalente em latim, a designação comum para o culto semanal na maior parte do mundo cristão”.[34] Uma expressão que se originou no texto bíblico de Apocalipse 1:10: “*Achei-me em espírito, no dia do Senhor...*”.[35] A despeito da discussão do que João quis dizer com essa expressão, o ponto é que a igreja primitiva utilizava esse termo com esse significado, o que torna-se facilmente um argumento para entender o texto bíblico dessa forma, “*...dia do Senhor*”, como referindo-se ao primeiro dia da semana.

O sábado parece ter sido substituído pelo dia do Senhor, como vemos, por exemplo, em Atos de Pedro, XXIX*:* “Mas Pedro designou estar com Marcelo no dia do

---

[30] Ibid. loc. Cit.
[31] HANKO, Herman. **Retratos de santos fiéis.** [Livro eletrônico]. 1º ed. Traduzido por Thiago Mchertt. Fireland. 2013. p. 18. Disponível em: <https://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-retratos-de-santos-fieis.pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[32] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2º ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1988. p. 78.
[33] Inácio de Antioquia, **Carta aos Magnésios, 9**.
[34] CARSON, D. A. **Do Shabbath para o dia do Senhor.** 1º ed. São Paulo: Editora cultura cristã, 2006. p. 238.
[35] Ap 1.10.

Senhor... no dia seguinte, depois do Sábado...".[36] A história mostra que na igreja da Palestina, no primeiro século, se observava o dia do Senhor, conforme registra o historiador Eusébio de Cesaréia (c. 263-339 d.C) que, "celebravam os domingos, mais ou menos como nós, em memória da ressurreição do Senhor".[37] Portanto, ao que parece, não houve influência dos cristãos gentios, como afirmam alguns com o desejo mal intencionado de atribuir aos pagãos a mudança do sábado para o domingo. Isso indicaria uma demora em começar a se guardar o primeiro dia da semana, mas, como demonstra Bauckham, no *primeiro século*, na palestina, a igreja se reunia no primeiro dia da semana chamando-o 'dia do Senhor'.[38]

O sétimo dia foi abandonado pela igreja cristã para a escolha de um novo dia de adoração pública e corporativa.[39] O dia escolhido fora o primeiro da semana e, ao que tudo indica, a escolha desse dia se deu em decorrência de ter sido o dia em que Jesus Cristo ressuscitou, como fica claro com Tertuliano (c.160) que, em seu tratado sobre oração, com respeito a esse dia, afirma:

> ...somente no dia da *ressurreição* do Senhor evitamos não só ajoelhar-nos, mas também toda atitude ou ato de culto que exprima tristeza. E adiamos os nossos negócios, para não deixar ao diabo oportunidade alguma...[40]

Por isso a Didaquê, um documento datado de 145-150 d.C. instrui a igreja a reunir-se "no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro".[41] Notamos então que a pergunta a ser feita não seria se a igreja dos primeiros séculos guardava o dia do Senhor, mas, por que guardava. A resposta: porque era o dia da ressurreição:

> ...não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que eu fiz e no qual, depois de ter levado todas as coisas ao repouso, farei o início do oitavo dia, isto é, o começo de outro mundo. Eis por que celebramos como festa alegre o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de se manifestar, subiu aos céus.[42]

A respeito desse texto Bauckham comenta dizendo que a Epístola de "Barnabé costuma ser datada de c. 130-135 d.C. Sem dúvida, é pouco provável que seja mais

---

[36] **The acts of Peter**. Disponível em: <
http://www.earlychristianwritings.com/text/actspeter.html>. Acesso em: 16 de Mar. 2018.
[37] EUSÉBIO. Patrística - História Eclesiástica - Vol. 15 (p. 111). Paulus Editora. Edição do Kindle..
[38] CARSON, D. A. op. cit. p.247.
[39] Atos 20:7.
[40] Tertuliano de Cartago, **Da oração XXIII, 2**.
[41] Didaquê: a instrução dos doze Apóstolos, XIV.1.
[42] **Epístola de Barnabé, 15.9**.

recente e pode ser mais antigo".[43] O que nos leva a entender que não demorou muito para que a igreja tivesse esse entendimento consolidado, como afirma Lee sobre a Epístola de Barnabé:

> Sem falar no restante dessa epístola, o capítulo 15 é evidência marcante de que 'o oitavo dia' (i. e. domingo cf. João 20.1, 19, 26) já estava sendo 'guardado' ('*agomen'*), que o dia já tinha forte significado soteriológico e escatológico, e que já naquele tempo era considerado como memorial da ressurreição do Senhor (cf. João 20.1), e possivelmente de seus aparecimentos dominicais pós-ressurreição.[44]

É válido observar que Barnabé se refere ao dia da ressurreição como 'oitavo dia'. Pipa explica que "a igreja primitiva derivou esse título de João 20.26".[45] Isso porque a igreja levava em conta os aparecimentos repetidos de Jesus em certo dia específico, o primeiro da semana. Fica claro até aqui que o entendimento daquela mudança estava bem desenvolvido já nos primeiros séculos.

Vale considerar a influência da Igreja sobre o Estado quando o Imperador Constantino, por exemplo, (c. 274-337 d.C.), "tomou uma posição de liderança teológica no Concílio de Nicéia, em 325, quando arbitrou a controvérsia ariana".[46] Como revela o historiador Eusébio: "Tendo em suas orações invocado, como aliado, o Deus do céu e seu Verbo, o Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo o exército...".[47] Constantino havia se aliado à Igreja, tornando oficial "a separação do Dia do Sol (domingo) como um dia de descanso e culto":[48]

> "o domingo era considerado o festival cristão comparável aos festivais judaicos e pagãos. Assim, a legislação de Constantino, com respeito ao modelo de feriados romanos, pode ter sido uma resposta a esse desejo expressado pelos líderes da igreja".[49]

De fato, o novo Imperador havia beneficiado os cristãos ao instituir o chamado "Dia do Sol", o mesmo dia em que a Igreja celebrava a ressurreição, por isso Agostinho responde ao maniqueu Fausto, dizendo: "O que você chama de *Dia do Sol* nós chamamos de *Dia do Senhor*. Neste dia não adoramos o sol, mas a ressurreição do

---

[43] CARSON, D. A. **Do Shabbath para o dia do Senhor.** 1º ed. São Paulo: Editora cultura cristã, 2006. p. 258.
[44] Citado em PIPA. p. 142.
[45] Ibid. 142.
[46] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2º ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1988. p.100.
[47] EUSÉBIO. Patrística - História Eclesiástica - Vol. 15 (p. 319). Paulus Editora. Edição do Kindle.".
[48] CARSON. Op. cit. 292.
[49] Ibid. 298.

Senhor."[50] Vale considerar que "embora ele [Agostinho] esteja escrevendo no final do século IV, é importante estudar sua abordagem, especialmente porque, na verdade, seu raciocínio não poderia basear-se em qualquer interpretação do edito de Constantino."[51]

O dia do Senhor, o primeiro dia da semana, observado pelos cristãos e tornado oficial pelo Imperador, também foi tratado como um 'Sábado cristão', onde Orígenes (c. 185-254 d.C. [Observe sempre as datas]) explica detalhadamente a postura do cristão nesse dia:

> Deixando a observância judaica do sábado, vejamos como o sábado deveria ser observado por um cristão... No dia do Sábado, deve-se abster de todo prazer mundano. Se você cessar, portanto, de toda obra secular... e não executar nada secular, mas se entregar a exercícios espirituais, ir à igreja..., cuidar de leitura e instrução sacra, pensar em coisas celestiais, solícito quanto ao futuro, colocando o julgamento vindouro diante de seus olhos, não olhando para coisas presentes e visíveis, mas para aquelas que são futuras e invisíveis, esta é a observância do Sábado cristão.[52]

Observar o domingo como um Sábado, não como um sábado judaico,[53] mas como um Sábado cristão (o termo "Sábado", *Sabbath*, não significa "sétimo dia", como alguém poderia entender, mas "descanso"), pode ser notado, então, pela própria maneira como os cristãos observavam esse dia. Clemente (c. 150-215 d.C.), por exemplo, em sua segunda epístola, exorta: "venhamos aqui com mais frequência e esforcemo-nos em progredir nos mandamentos do Senhor, para que, unânimes, possamos ser reunidos para a vida...".[54] O dia do Senhor era visto como um dia a ser guardado, uma lei a ser observada... um Mandamento. Como Pipa ressalta:

> "...embora a maioria não relacionasse de imediato o culto do dia do Senhor ao Quarto Mandamento, a igreja primitiva acreditava que o dia de adoração e descanso tinha sido mudado para o primeiro dia, e veio a

[50] Disponível em: <https://resistireconstruir.wordpress.com/2013/10/12/resposta-de-s-agostinho-ao-maniqueu-fausto-livro-xviii/>. Acesso em 23 de Mar. 2018.
[51] BECKWITH, Roger T. and STOTT, Wildrif. **This is the day.** London: Blutler & tanner Ltd, 1978. p. 136.
[52] PIPA, op. cit, (p. 144, apud Beckwith and Stott, p. 70).
[53] Levítico 23.
[54] Segunda carta de São Clemente aos coríntios, xvii.

> considerar esse dia como sendo o sábado. Ensinavam que o dia inteiro deveria ser separado para o culto e serviço público e particular.” [55]

A compreensão da vigência moral do Quarto Mandamento teve seu ponto mais elevado no período anterior a Idade Média quando Agostinho “estabeleceu definitivamente a centralidade do Decálogo na teologia moral cristã.”[56] É claro, portanto, que, em Agostinho todos os dez mandamentos deviam ser observados pelo cristão e, com respeito a Agostinho e o Quarto Mandamento, Beckwith e Stott declaram:

> Agostinho afirma que esta observância do domingo foi por causa de Cristo. Ele afirma que Cristo escolheu deliberadamente o tempo de sua paixão. "Meu tempo ainda não chegou", João 7:5). Ele sofreu deliberadamente na Cruz na sexta-feira, deitou-se no túmulo no sábado, o *Shabbath*, e levantou-se novamente no domingo (*Contr. Faust. 16.29, PL xlii. 335; Ep. Ad januarulm 2.55.9. I 6, PL xxxiii. 2II*). Ao fazê-lo, consagrou... este dia (*De Civit. Dei 22.3 ° .5, PL xli. 804; Serm. 169.2, PL xxxviii. 916: consecravit*).[57]

Apesar do caráter algumas vezes incompreensível do pensamento de Agostinho e o Quarto Mandamento, ele não mede esforços para declarar a significado do dia do Senhor, quando diz, por exemplo, que:

> O domingo foi preceituado não aos judeus, mas aos cristãos, em razão da ressurreição do Senhor; e desde esse momento ganhou solenidade, porque as almas de todos os santos descansam realmente antes da ressurreição dos corpos (...) quando ocorreu a ressurreição no corpo do Senhor, para que antecedesse na Cabeça da Igreja o que o Corpo da mesma espera apenas para o final, já era possível começar a celebrar o oitavo dia, que é idêntico ao primeiro, isto é, o domingo.[58]

A conexão que Agostinho faz entre o dia do Senhor e a ressurreição de Cristo, como fizeram outros, nos ajuda a entender que não se tratava de ordenança meramente arbitrária, ainda que Agostinho por um lado visse erroneamente a escolha do domingo como fruto de uma necessidade, entretanto, numa compreensão teológica equivalente ao que os judeus faziam com o Sábado e a Criação, *“o Dia do Senhor... foi conhecido não*

---

[55] PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor.** 1º ed. Recife: Editora os puritanos, 2000. p. 146.
[56] CARSON, D. A. **Do Shabbath para o dia do Senhor.** 1º ed. São Paulo: Editora cultura cristã, 2006. p. 311.
[57] BECKWITH, Roger T. and STOTT, Wildrif. **This is the day.** London: Blutler & tanner Ltd, 1978. p. 137.
[58] AGOSTINHO, **Carta 55: resposta às perguntas de Jenaro 13,23; Obras Completas de Santo Agostinho, Tomo 8.** Madri: Biblioteca de Autores Cristãos, 1986, pp. 368-369

aos judeus, mas aos cristãos pela ressurreição do Senhor".[59] A ressurreição e não uma necessidade arbitrária era a base para a escolha do dia.

No 4º século então, fica mais clara a relação do Quarto Mandamento com o dia do Senhor. É nítido quando, por exemplo, Ephraem Syrus faz a expressa afirmação de que "o primeiro dia da semana, o primogênito dos dias, é digno de reverência, pois contém diversos mistérios. Assim, faz-lhe deferência, pois obteve seu direito de primogenitura do *Shabbath*..."[60]

Portanto, para a igreja, conforme o pensamento de Agostinho que desenvolveu bem essa compreensão, aquilo que fora aplicado universalmente era um mandamento, de autoridade apostólica, como era o caso da observância do primeiro dia da semana como dia de serviço coletivo.[61] E, a devida compreensão desse dia como oriundo do quarto mandamento reforça ainda mais esse entendimento de que guardar o domingo é um Mandamento, o Quarto Mandamento.

A Idade Média

Agostinho, como vimos, foi um grande representante do pensamento dos Pais da Igreja e, "se Agostinho representa o ápice da teologia ocidental na era patrística, também é o manancial da teologia medieval do Ocidente."[62] Sua influência foi forte durante muito tempo:

> A influência de Agostinho na interpretação medieval foi generalizada. Durante a maior parte desse período, a *Doutrina Cristã* foi o esboço mais completo do ensino cristão, e sua *Cidade de Deus* foi o livro mais popular depois da Biblia.[63]

Entretanto, o período medieval parece representar mais um obscurecimento da teologia patrística. "A consagração de Gregório I como o bispo de Roma constitui um marco que divide o período antigo da história da igreja do período medielval".[64]

---

[59] Agostinho, Citado em Beckwith and Stott. 138.
[60] CARSON. Op Cit. p. 299.
[61] CALVINO, João. **Institutas da religião cristão.** Edição integral. São Paulo: Unesp, 2007. p. 623.
[62] CARSON. Op. cit. p. 311.
[63] CORLEY, Bruce; LEMKE, W. Steve; LOVEJOY, Grant I. **Biblical hermeneutics.** 2º ed: Broadman & Holman publishers. 2002. p. 103.
[64] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2º ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1988. 132.

Grogório I dividiu a história e caracterizou o que poderia ser o início de um novo método hermenêutico:

> Os Pais haviam construído a teologia exegeticamente, diretamente da interpretação bíblica. No entanto, estudiosos do início da Idade Média, como o papa Gregório I (...) compilaram sua teologia pegando emprestado dessas fontes patrísticas e de comentários de sucessivas gerações de editores. Passo a passo, sua teologia editorial se distanciou das Escrituras.[65]

A teologia católica passou a ter como base, não somente a Escritura, mas também a voz de um novo deus intitulado 'Tradição', começando a obscurecer-se e, naturalmente, leis sobre leis foram criadas, "a Igreja passou a celebrar outros dias festivos e dias santos. Isso resultou numa observância legalista do dia do Senhor e finalmente num declínio da santidade do sábado."[66]

Ao que parece a teologia medieval foi um declínio do pensamento cristão por causa de uma necessidade tirânica que surgiu naturalmente do líder da igreja quando se tornou um tipo de mestre universal.[67] A Igreja Católica possuía em sua nova mentalidade uma necessidade de domínio que a tornou não mais uma igreja, mas um reino terreno. Influenciados pelo espírito teocrático, eles passaram a ver no Antigo Testamento o tipo de governo eclesiástico que deveria ser aplicado; "o sabatismo medieval se desenvolveu dentro do contexto da monarquia teocrática e da disciplina eclesiástica de caráter cada vez mais jurídico".[68] A lei do Sábado passou a ser mais um meio de subjugar o povo do que de trazer descanso, e terminaram por "colocar um peso sobre a consciência tanto dos devotos ignorantes quanto dos supersticiosamente irreligiosos".[69] Assim, "a Igreja se movia cada vez mais na direção de um sábado *judaístico* com severas penalidades".[70]

Além da perda de amor pela lei divina as mudanças no pensamento teológico da época podem ter outra explicação, não oriunda apenas de atitudes internas, mas por influências de mudanças que ocorriam desenfreadamente no mundo, porque "depois de

---

[65] CORLEY, Bruce; LEMKE, W. Steve; LOVEJOY, Grant I. **Biblical hermeneutics.** 2º ed: Broadman & Holman publishers. 2002. p. 103.
[66] PIPA. op. cit. p. 147.
[67] CALVINO, João. **Institutas da religião cristão.** Edição integral. São Paulo: Unesp, 2007. p. 542.
[68] CARSON. Op. cit. p. 315.
[69] Ibid.
[70] PIPA. op. cit. p. 148.

590, o cristianismo enfrentou novos movimentos populacionais dinâmicos".[71] A Igreja teve de lidar com ideias que insistiam por adentrar em suas portas; "tribos que tinham aceito uma forma ariana de cristianismo e que se estabeleceram na Espanha e na Itália, representaram um outro desafio ao cristianismo."[72]

Apesar de ter de lidar com diversas controvérsias de um mundo em constante mudança, o entendimento do dia do Senhor como Sábado cristão permaneceu por muito tempo, até que surgiu uma nova era do pensamento que ficou conhecida como Escolasticismo medieval, no início do século XII.[73] Em tese a filosofia grega configurou o pensamento da Igreja Católica Ocidental:

> Os escolásticos medievais tentaram integrar o pensamento científico grego e a teologia cristã através do uso do método dedutivo de Aristóteles, que lhes chegou ao conhecimento por meio da tradução feita por Averróes dos escritos de Aristóteles.[74]

Para entender melhor o que significa essa mudança, Paulo Anglada explica que "a influência da filosofia de Aristóteles sobre o pensamento escolástico resultou em uma epistemologia pagã".[75] Isso representa, talvez, uma roupagem mais sofisticada daquilo que já vinha acontecendo com a Igreja, agora talvez de uma forma mais "legítima". "O escolasticismo absorveu a teoria de conhecimento pagã, grega, de que o homem pode alcançar o conhecimento verdadeiro à parte da existência de Deus e da interpretação que Deus dá ao mundo".[76] As novas ideias que caracterizavam o pensamento da Igreja Católica Romana pareciam uma declaração de independência da Igreja, onde não era necessária a pura interpretação bíblica, mas a palavra e autoridade dos homens eclesiásticos eram suficientes. Paulo Anglada, citando Berkhof, diz:

> a exegese escolástica estava de tal maneira amarrada pela tradição e pela autoridade da igreja que nenhum princípio novo de interpretação foi desenvolvido nessa época. Ele cita o ditado de São Vitor para ilustrar o fato: 'Aprende primeiro o que deves crer, depois vai à Bíblia para achá-lo ali'.[77]

Unindo esses dois fatores gêmeos, à exegese escolástica racionalista e à Tradição da Igreja, o Sábado cristão se tornou o símbolo dessa autonomia e, "até o século XII, a lei do domingo se baseava no quarto mandamento, mas com o trabalho de

---

[71] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2º ed. São Paulo: Sociedade religiosa edições vida nova, 1988. p. 137.
[72] Ibid. p. 137.
[73] Ibid. p. 141.
[74] Ibid. p. 141.
[75] ANGLADA, Paulo. **Introdução à hermenêutica reformada.** Pará: Editora Knox, 2015. p. 51.
[76] Ibid.
[77] ANGLADA, Paulo. Op. Cit. 52.

Pedro Lombardo (c. 1110-1160) uma abordagem dual do quarto mandamento começou a desenvolver-se".[78] O tipo de interpretação que permeava a mente dos teólogos católicos e a liberdade que agora possuíam deu ao Papa Gregório IX (c. 1227-124) o direito de, em seus decretos, declarar que "o Papa tinha a autoridade de designar o domingo bem como outros dias santos."[79]

Tomás de Aquino (c. 1225-1274), o grande teólogo escolástico,[80] consolidou em sua Suma Teológica o entendimento sobre o Sábado que perdura até os dias de hoje na teologia católica romana.[81] Para Aquino o quarto mandamento (que para ele é o terceiro) é o que fundamenta "a verdadeira religião".[82] Segundo ele "o terceiro preceito ordena o culto externo prestado a Deus, como significativo benefício comum, que pertence a todos".[83] Ele defende sim que há o aspecto moral no Quarto mandamento que se caracteriza por "destinar o homem certo tempo da sua vida para descansar em Deus (...). Mas... é cerimonial quando determina um tempo especial, significativo da criação do mundo".[84] Isso ele explica quando se refere àquilo que chama de "lei antiga",[85] o que seria a lei mosaica. Mas quando se trata da "lei nova",[86] ou seja, a lei do Novo Testamento, diz que "a observância do dia do domingo sucedeu, na lei nova, à do sábado, não em virtude de um preceito de lei; mas, *pela constituição da Igreja e pelo costume do povo cristão".*[87]

Diante do exposto, percebe-se que Aquino, inequivocamente, considerava o aspecto moral e, portanto, perpétuo do Sábado, mas quando se trata dos cristãos, ou seja, no período após a vinda de Cristo, em qualquer tempo, o dia a ser guardado fica *a critério da Igreja*.[88] Com essa mentalidade "ele removeu a garantia do Quarto Mandamento de um dia em sete e a autoridade do Novo Testamento com relação ao dia específico que deve ser observado".[89] E, conforme aponta Dennison, "o resultado final da doutrina romana foi que o sábado do Novo Testamento não tinha nenhuma

[78] PIPA. op. cit. p. 148.
[79] Ibid. p. 149.
[80] BRAY, Gerald. **História da Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 141
[81] CARSON. op. cit. p. 319.
[82] Tomás de Aquino. **Suma teológica, 1a 2ae Quest. 122, art. 4.**
[83] Ibid. *Solução*.
[84] Ibid. **Resposta à primeira objeção.**
[85] Ibid. loc. Cit.
[86] Ibid. **Resposta à quarta objeção.**
[87] Ibid. Loc. Cit.
[88] Ibid. loc. cit.
[89] PIPA. op. cit. p. 149.

autoridade da parte de Deus; o dia do Senhor era fundamentado na autoridade da hierarquia da igreja".[90]

Tendo uma leve noção do cenário teológico medieval podemos passar adiante e compreender o desenvolvimento do pensamento proeminente no período da reforma.

A Reforma Protestante

É conhecido entre os estudiosos que a compreensão dos reformadores acerca do Quarto mandamento é um tanto ambígua.[91] É possível perceber certa influência dos dois períodos anteriores, dos pais e dos medievais, e é aí onde se torna difícil definir seu entendimento, porque "defendiam a autoridade divina e a obrigação de observar o quarto mandamento, requerendo que um dia em cada sete fosse empregado na adoração e no serviço de Deus",[92] mas, como Packer descreve, "é um quebra-cabeça, porém, porque eles nunca perceberam a incoerência entre afirmar isso em termos gerais, e ainda assim apresentar a exegese de Agostinho sobre o domingo cristão".[93] É possível concluir, entretanto, por seus escritos que, majoritariamente, zelavam pela observância de um dia de culto, e esse dia era, não outro, mas o primeiro da semana, como ficará claro à medida que expormos seus pensamentos.

Como ficou entendido no tópico anterior, a Igreja Católica Romana tratou a Lei de Deus de maneira legalista e o Sábado foi um símbolo disso:

> "O tratamento que os reformadores davam à observância cerimonial e *judaística* (no seu conceito) do Quarto Mandamento, desenvolveu-se a partir de sua reação contra os abusos do sábado judaico e contra as práticas da Igreja Católica Romana. Como os pais da igreja primitiva, estavam rejeitando o que consideravam ser o opressivo descanso do dia."

Basicamente os reformadores, declarando guerra ao legalismo da Igreja romana, onde o Sabbath era sua representação como símbolo maior dos outros dias santos criados pela igreja, para que pudessem limpar esse Mandamento de suas superstições, eles enfatizaram o aspecto figurativo que fora abolido com a vinda de Cristo, mas não o rejeitaram de maneira geral, percebendo certo tipo de necessidade que diz respeito

[90] Ibid. Citado em PIPA. p. 149.
[91] PIPA. 150.
[92] Patrick Fairbairn. **The Typology of Scripture** (Citado em PACKER. p. 392).
[93] Ibib. Loc. cit.

especificamente à ordem cúltica. Porém, uma questão permanece, o porquê de guardar especialmente o domingo, mas isso é respondido à medida que o pensamento se desenvolve até o período após os reformadores, que será tratado no próximo tópico. Devemos notar as reações de alguns representantes da reforma.

A reação dos reformadores contra tudo o que era ou aparentava ser, para eles, de natureza judaica, era uma atitude de revolta, como Lutero (c. 1483-1546), por exemplo, que tinha seu pensamento expresso na Confissão de Ausburgo (1530), a qual diz:

> ... por ter sido necessário designar um certo dia para que as pessoas possam saber quando se devem reunir, a igreja cristã *designou o domingo para esse fim,* e estava tanto mais inclinada e feliz em fazer isso para que as pessoas possam ter um exemplo de *liberdade cristã* e possam saber que nem a guarda do sábado nem a guarda de qualquer outro dia é necessária. [94]

A partir daqui devemos compreender duas atitudes a respeito do Sábado: não deve ser observado como lei cerimonial (isso diz respeito, não só as superstições e ao legalismo, mas à escolha de um dia específico como santo, seja ele sábado, domingo ou qualquer outro); mas deve ser observado como lei moral (ou seja, existe uma necessidade natural de um determinado tempo especial para culto, seja o dia qual for). Assim, eles possuíam uma aversão ao apego de um dia específico, mas tinham reverência àquele dia que fora escolhido pela igreja para a igreja, como Heinrich Bullinger (c. 1504-1575), que na Segunda Confissão Helvética (1562) afirma o dia do Senhor expressamente quando diz:

> ...vemos que nas igrejas antigas não havia apenas certas horas da semana destinadas às reuniões, mas que também o Dia do Senhor, desde o tempo dos apóstolos, fora separado para as mesmas, e para o santo repouso, prática essa, acertadamente preservada por nossas igrejas para fins de culto e serviço de amor. [95]

Mas, logo após, esclarece que:

> "não cedemos às observâncias dos judeus e às superstições. Pois, não cremos que um dia seja mais santo do que outro, nem pensamos que o repouso em si mesmo seja aceitável a Deus. Além disso, guardamos o Dia do Senhor, e não o sábado como livre observância". [96]

Bullinger confessa que a observância de um dia especial de Culto não foi inventada, mas sim "apresentada pela primeira vez por Moisés quando introduziu a lei;

---

[94] Confissão de Ausburgo, Art. 28.
[95] Segunda CH, XXIV. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[96] Ibid. loc. Cit.

pois no Decálogo é dito: 'lembra-te do dia de sábado, para o santificar', desse modo admoestando-os a lembrar que era de instituição antiga".[97]

A luta contra o legalismo sabático não impediu Bullinger e outros de assumir que a igreja possuía, não somente a necessidade de um dia em sete para se reunir, mas o primeiro dia da semana seria a melhor escolha e "seria contra toda a piedade e caridade cristãs negar a *santificação do domingo".*[98] Os reformadores se reuniam em um dia específico, que para grande parte deles era apenas fruto de uma necessidade de ordem e o dia a ser escolhido ficava a critério da liderança eclesiástica, mas zelavam por esse dia fervorosamente.[99]

João Calvino (c. 1509-1564), o maior representante da Reforma, "estava longe do anti-sabatismo, mesmo que baseasse a adoração no dia do Senhor na necessidade de ordem na igreja em vez de na proporção de um em sete encontrado no quarto mandamento."[100] Para Ian Hamilton "sem dúvida existe alguma diferença entre a perspectiva de Calvino e a dos puritanos, [101] mas na minha opinião são circunstanciais e pequenas." [102] Isso pode ser visto na maneira como Calvino aplicava a doutrina do Sábado na vida da igreja, que será tratado mais à frente.

Talvez as declarações mais polêmicas de Calvino acerca do dia do Senhor se encontrem na sua obra magna 'Institutas da Religião Cristã', porém,

> ... muito uso tem sido feito pelos antinomistas anabatistas a respeito das cuidadosas afirmações de Calvino em suas Institutas de 1536 de que "foi bom deixar de lado o dia guardado pelos judeus" – mas pouco uso tem sido feito das afirmações igualmente cuidadosas que aparecem duas linhas depois na mesma sentença, de que "foi necessário estabelecer em seu lugar outro dia".[103]

Calvino entendia que o Sábado tinha seu cumprimento em Cristo, "pois ele é a verdade, por cuja presença se desvanecem todas as figuras (...). Ele é, digo-o, o

---

[97] PIPA. 157. (citado em Fairbairn, II, p.449).
[98] CARSON. 331. (CF. Bullinger, *the decades of Henry Bullinge*r, *4 vols, p. 255, 261, 256-259, 262-266*)
[99] Confissão de Ausburgo, Loc. Cit.
[100] PIPA. 155.
[101] O pensamento dos puritanos será tratado no próximo tópico, mas em suma, eles entendiam não apenas que o *Sabah* era perpétuo, mas que houve uma mudança significativa do sábado para o domingo.
[102] HAMILTON, Ian. **O dia do Senhor e o culto reformado.** Disponível em: <http://ospuritanos.blogspot.com.br/2011/03/odia-do-senhor-e-o-culto-reformado-ian.html>. Acesso em 06 de Abr 2018.
[103] LEE, Francis Nigel. **O que Calvino realmente disse sobre o quarto mandamento?** Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com.br/2016/06/o-que-calvino-realmente-disse-sobre-o.html>. Acesso em 04 Abr 2018.

verdadeiro cumprimento do sábado".[104] Como os outros reformadores Calvino compreendia o aspecto figurativo do Sabbath e a escolha de um dia específico estava baseada meramente na necessidade da ordem, assim, "reuniões de Igreja nos são preceituadas pela Palavra de Deus, e sua necessidade nos é suficientemente assinalada pela própria experiência da vida".[105] Segundo ele o ideal para o cristão seria a observância de todos os dias da semana, mas, "se pela fraqueza de muitos não se pode conseguir que se realizem reuniões diárias, e a norma da caridade não permite deles exigir mais, por que não obedeçamos à norma que nos foi imposta pela vontade de Deus?"[106] Ou seja, como ele mesmo afirma:

> Nós devemos nos reunir em nome de Deus. É verdade que isso deve ser feito continuamente, mas por causa de nossas fraquezas, ou melhor, devido à nossa preguiça, é necessário que um dia seja nomeado. [107]

O Domingo se torna, então, "um remédio necessário para reter-se ordem na Igreja".[108] Entretanto, ainda assim, Calvino não pôde deixar de enxergar mais do que mera necessidade de ordem, de ver algo significativo no domingo:

> Contudo, não foi sem alguma razão que os antigos escolheram o dia do domingo para pô-lo no lugar do sábado. Ora, como na ressurreição do Senhor está o fim e cumprimento daquele verdadeiro descanso que o antigo sábado prefigurava, os cristãos são advertidos pelo próprio dia que pôs termo às sombras a não se apegarem ao cerimonial envolto em sombras.[109]

Basicamente, se a ressurreição de Cristo aboliu a lei cerimonial, então o dia da ressurreição seria o melhor dia para substituir aquele sábado cerimonial. Assim, é justificável para Calvino a escolha do domingo como dia de adoração pública.[110] Ele, então, ao que tudo indica, possuía a compreensão de que o Quarto Mandamento tinha sua vigência moral e que, naturalmente, um dia era necessário para igreja cristã, assim como o foi para os crentes do Antigo Testamento, pois "esta regulação não foi dada apenas para os judeus, que eles poderiam ter um dia em que se unir, mas também é para

---

[104] CALVINO, João. Institutas da religião cristã, 2, VIII.31.
[105] Ibid. 2, VIII.32.
[106] Ibid. loc. Cit.
[107] CALVIN, John. **Sermons on deuteronomy. Sermon 34.** Disponível em: < http://www.epctoronto.org/Press/Publications_JRHughes/John%20Calvin%20%20Sabbath%20from%20Deut%201.pdf>. Acesso em 04 de Abr 2018.
[108] Ibid. 2, VIII.33.
[109] Ibid. 2, VIII. 34.
[110] Gênesis 2.3.

nós".[111] Logo, Calvino não tratou o domingo com indiferença, ele entendia que o cristão deveria visualizar aquele dia especial como um dia santo, separado para Deus:

> Nós devemos aplicar este descanso a um propósito maior. Devemos nos abster de nossos negócios, daquilo que nos impede de meditar nas obras de Deus. Nós devemos invocar seu nome e nos exercitar em sua palavra. Se passarmos o Dia do Senhor em festas, jogos e esportes, isso é honrar a Deus? Não! Não estamos zombando dele e abusando de seu nome? Sim![112]

João Calvino não tratou o Domingo com indiferença quanto ao que deve ser especificamente feito naquele dia. Não era meramente um dia de descanso, mas um dia de descanso no Senhor, um dia da religião, um dia de culto, não apenas público, mas particular, pois "devemos entender que o Dia do Senhor não foi designado apenas para ouvir sermões, mas que devemos passar o resto do tempo louvando a Deus".[113] O dia do Senhor, para Calvino, era mais do que um dia religioso, mais do que uma necessidade de ajuntamento do povo cristão, para Calvino o dia do Senhor devia servir "como uma torre na qual podemos subir para ver as obras de Deus à distância".[114] Ele entendia que, uma vez que não temos condições de observar todos os outros dias, o primeiro dia da semana naturalmente deveria servir de alicerce para os demais dias da semana:

> Se pudermos aplicar isso (isto é, se pudermos meditar nas obras de Deus) no Dia do Senhor, poderemos descansar mais durante o restante da semana. A manutenção daquele dia irá, por assim dizer, moldar e polir-nos de antemão, de modo que, na medida em que meditarmos em suas obras, a tal ponto seremos influenciados a beneficiar-nos delas e seremos levados a agradecer a Deus na segunda-feira e em todos os outros dias da semana seguinte.[115]

A conclusão que extraímos da visão reformada nesse período da história é que a hostilidade contra o legalismo e as contradições internas no meio reformado não impediram que o Sábado cristão fosse apagado da história e que o dia do Senhor fosse visto como um anseio da igreja até aqui. Feitas tais considerações, passemos para a consolidação da doutrina do Sábado Cristão.

Os Puritanos e a Pós-reforma

[111] CALVIN, John. Op. cit.
[112] Ibid.
[113] Ibid.
[114] Ibid.
[115] Ibid.

O termo Sábado Cristão foi a expressão usada na Confissão de Fé de Westminster[116] por aqueles que ficaram conhecidos como os puritanos.[117] Estes foram responsáveis pela consolidação da doutrina do dia do Senhor e por trazer um fim àquela obscuridade que existia entre os reformadores, pois, "se houve algum grau de ambiguidade entre os reformadores do século dezesseis, ela se desvaneceu completamente quando, em meados do século dezessete, os doutores de Westminster se reuniram para escrever sua Confissão de Fé".[118] Basicamente, como Packer afirma, "os puritanos corrigiram o que havia de incoerente nos reformadores".[119]

O tratamento dado pelos puritanos do século XVII na Inglaterra ao Dia do Senhor foi único desde a Igreja do período apostólico, a tal ponto de ser dito que eles "criaram o domingo inglês, ou seja, o conceito e a observância do primeiro dia da semana como dia de trégua tanto nos negócios como nas recreações organizadas", não para mera ociosidade, mas "para que o tempo todo fosse deixado livre para a adoração, o companheirismo e as boas obras".[120] Ao contrário, "guardar o domingo significa ação e não inércia. O dia do Senhor não é um dia de ociosidade. 'A ociosidade é um pecado em qualquer dia, e muito mais no dia do Senhor'".[121] Aqueles cristãos enriqueceram a visão teológica e a prática do Domingo, isso representou uma mudança na história da Igreja. Conforme registra Errol Hulse:

> A história da mudança pode ser traçada a partir de Richard Greenham, que influenciou seu genro Nicholas Bownd. Bownd pregou sobre o assunto do sábado em 1586. Ele então detalhou os argumentos da lei sabática em um livro o qual publicou em 1595. O mesmo foi um trabalho objetivo e equilibrado sobre o texto do quarto mandamento. Tornou-se uma enorme influência, e foi relançado numa edição ampliada em 1606. De acordo com o historiador Daniel Neal, 'Foi efetuada uma poderosa reforma'.[122]

A doutrina do Sábado Cristão defendida pelos cristãos ingleses do século XVII teve forte atenção especialmente naquele período após a iniciativa de Nicolas Bownd. "O cunhado de Bownde, John Dod, apelidado de John Decálogo Dod, publicou seu

---

[116] Confissão de fé de westminster, XXI.7.
[117] PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristã**. Editora fiel. 2º Ed. São José dos Campos, SP. 2016. p. 390-391.
[118] BEEKE, Joel. **Espiritualidade reformada. Uma teologia prática para a devoção a Deus**. São Paulo: Editora fiel. 2014. P. 159.
[119] PACKER. Op. Cit. p.393.
[120] Ibid. p. 388.
[121] Ibid. p. 396.
[122] HULSE, Errol. **Quem foram os puritanos?** São Paulo: editora pes. 2004. p.164.

trabalho sobre os Dez mandamentos mais tarde. O livro era muito popular chegando à quarta edição".[123] Posteriormente, ainda, "dois membros da Assembleia de Westminster, Daniel Cawdrey e Herbert Palmer, colaboraram para realizar o *Sabbatum Redivivum – O Sábado Cristão Vindicado* (1645). Publicado em dois volumes este trabalho chegou a 1.050 páginas". [124]

O Dia do Senhor foi notório como símbolo de Reforma, pois foi "uma marca característica dos puritanos em sua busca de ampliar a reforma da Igreja da Inglaterra durante o final do século 16 e boa parte do século 17".[125] Foi característico pela transformação que trouxe à sociedade, como se pode ver, por exemplo, na atuação de Richard Baxter em Kidderminster, que registrou o seguinte:

> ...aquela que antes havia sido uma comunidade de pessoas briguentas, viciadas em álcool e irreligiosas, foi de tal modo transformada que, 'no dia do Senhor, não se via qualquer desordem em nossas ruas; pelo contrário, podia-se ouvir uma centena de famílias entoando salmos ou repetindo sermões quando passávamos pelas ruas'. [126]

A razão apontava para a observância séria de um dia separado tão-somente para obras de piedade e misericórdia. Assim, em 1677 o Parlamento assinou o Ato de Observância do Domingo. "Esse ato prescrevia que ninguém deveria passar o domingo negociando, viajando, 'trabalhando secularmente, em negócios ou ocupando-se em suas profissões', mas 'exercitando-se nos deveres da piedade e da verdadeira religião, pública e particular'". [127] Joel Beeke e Mark Jones informam que:

> Quando os puritanos tiveram a oportunidade de planejar suas próprias atividades para o domingo [...] tipicamente se dedicavam a seis horas inteiras de culto público, sendo três horas de manhã e três à tarde. A seriedade com que os santos tratavam da obra de glorificar a Deus no 'sábado' fazia com que fossem um povo à parte. Aliás, foi esse rigor que fez com que recebessem o epíteto depreciativo de 'puritano' no período inicial do movimento.[128]

É possível afirmar que, além da força das argumentações trazidas pelos puritanos de que "é a intenção e vontade de Deus que o primeiro dia da semana deva ser especialmente separado entre os Cristãos para os exercícios e deveres religiosos",[129] o

---

[123] Ibid. p.165.
[124] Ibid. p.165.
[125] BEEKE, Joel e JONES, Mark. **Teologia puritana. Doutrina para a vida**. Editora vida nova. 1º Ed. São Paulo. 2016. p.925.
[126] PACKER. Op. Cit. p. 390.
[127] Ibid. 390-391.
[128] Ibid. p.926.
[129] Ibid.

que reforçou essa influência foi a convicção e a piedade com que aqueles cristãos observavam esse Dia, pois, para Tomas Watson, por exemplo,

> O Senhor geralmente revela-se mais à alma neste dia. (...) Neste dia o cristão está nos lugares altos; ele caminha com Deus, e faz como se fosse um passeio com Ele nos céus (1Jo 1.3). Neste dia somos tomados de santas afeições; o estoque da graça é aumentado; as corrupções são enfraquecidas e satanás cai como um raio diante da majestade da Palavra. Cristo realizou a maioria de Seus milagres no sábado; e assim o faz até hoje: almas mortas são vivificadas e corações de pedras são transformados em corações de carne. Como devemos estimar e reverenciar este dia! É mais precioso do que rubis. Deus o ungiu com óleo de alegria sobre seus companheiros. No sábado estamos fazendo o trabalho dos anjos. Nossas línguas são harmonizadas com os louvores de Deus. O sábado na terra é uma sombra e um tipo do glorioso descanso e eterno sábado pelo qual esperamos no céu, quando Deus será o templo, e o Cordeiro será sua luz (Ap 21.22,23).[130]

Para os puritanos deveria ser natural aos crentes enxergar a beleza daquele dia, de forma que não fosse tão difícil se desvencilhar do mundo por um único dia para se beneficiar do que Deus tinha para oferecer fora dos nossos negócios e afazeres "mundanos", pois, como afirma Nicolas Bownd, "não podemos atender aos negócios de Deus se estamos incumbidos de negócios do mundo".[131] Assim, "se manter santo o sétimo dia fosse apenas uma instituição humana, seria o melhor método em que se poderia pensar para polir e civilizar a humanidade", diz Joseph Addison.[132]

Sem dúvida o Domingo era de tal importância para aqueles antigos crentes que serviu de base para uma sociedade, em questões morais, espirituais e, consequentemente, materiais. Nessas questões, o Sábado Cristão devidamente observado, conforme entendiam, foi responsável por modelar toda uma vivência, assim, o puritano Thomas Brooks pôde dizer:

> ...lembremo-nos de que não há crentes, em todo o mundo, que se comparem, quanto ao poder da piedade e quanto à excelência nos terrenos da graça, da santidade e da comunhão com Deus, com aqueles que se mostram mais estritos, sérios, estudiosos e meticulosos na santificação do dia do Senhor (...).[133]

---

130 WATSON, Thomas. **The fourth commandment.** Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/watson/commandments.iv.iv.html>. Acesso em 09 de Abr 2018.
131 RYKEN, Leland. **Santos no mundo. Os puritanos como realmente eram**. Editora fiel. São José dos Campo, SP. 2º Ed. 2013. p. 222.
132 Ibid. p.223.
133 BROOKS, Thomas. **Works**, VI:305, 306. (Citado em Packer, 403).

É aceitável, portanto, que se há essa compreensão, entende-se também que o declínio da piedade e santidade está intensamente relacionado ao declínio do Sábado Cristão, por isso Brooks continua:

> A verdadeira razão pela qual o poder da piedade tem caído a níveis tão baixos, tanto neste como em outros países, é que o domingo não está mais sendo observado de forma estrita e consciente (...). Oh! Que esses simples conselhos fossem tão abençoados pelo céu que nos impulsionassem a uma santificação mais constante, séria e meticulosa do dia do Senhor! [134]

O tempo passou e por certo período o dia do Senhor foi observado conforme o entendimento dos puritanos, "no despertar dos poderosos avivamentos dos séculos dezenove e vinte, a guarda do Sábado foi abraçada igualmente pela população em geral".[135] Mas as coisas foram mudando. Devemos imaginar que uma queda no conceito daquela concepção puritana do domingo deva representar algo drástico para o cristianismo de modo geral, uma vez que os puritanos entendiam que na prática do Quarto Mandamento "consiste a guarda de todos os demais."[136] Pois Deus intencionalmente "colocou este mandamento no meio das duas tábuas, porque a sua fiel observância é a melhor ajuda para a observância do resto do Decálogo".[137] Isso afirmou o puritano Lewis Bayly, e concluiu dizendo que "a consciente guarda do *Shabbath* é a mãe de toda a religião e da boa disciplina na igreja".[138] Assim, o que vemos quanto ao declínio da igreja nos próximos séculos após esse período está intimamente ligado ao abandono da devida guarda do Dia do Senhor, o Sábado cristão, pois, "tirem o *Shabbath*, e todos vão servir a Deus quando quiserem, e, que será da religião e de sua ordem e paz em pouquíssimo tempo?[139]

Segundo o entendimento de alguns teólogos existem alguns fatores específicos que contribuíram de alguma forma para o esquecimento do Quarto Mandamento, como, por exemplo, a teologia dispensacionalista que, segundo John Payne, em razão de seu surgimento, por volta do século XIX, a Bíblia foi rasgada ao meio. "Os dispensacionalistas clássicos consideram o Sábado cristão como um mero dia, que foi

[134] Ibid. p. 403.
[135] Ibid. p. 160.
[136] BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. Editora pes. São Paulo, SP. 1º Ed. 2010. p.243.
[137] Ibid. p.243.
[138] Ibid. p.243.
[139] Ibid. p.243.

importante numa era diferente".[140] Esse foi um poderoso fator nessa queda, mas existiram ainda outros. Em resumo, Joel Beeke afirma:

> O maior dano foi feito pelo ataque do modernismo à autoridade da Escritura, minando e subvertendo assim todas as normas bíblicas para a vida. Entretanto, o fundamentalismo deve suportar também sua participação na culpa. Sob a influência do dispensacionalismo, desenvolveu-se um crescente antinomianismo nos círculos mais conservadores dos cristãos americanos. O antigo testamento, em geral, e a lei moral, em particular, chegaram a ser considerados como monumentos de uma era passada. O resultado tem sido a destruição em grande escala da convicção acerca do sábado, mesmo entre os presbiterianos que subscrevem os Padrões de Westminster.[141]

Como se pôde observar o modernismo e o dispensacionalismo, especialmente, penetraram as paredes da Igreja de maneira intensa. Mesmo as igrejas de linha reformada, que se sustentaram e se sustentam sob os escritos dos puritanos, passaram a adotar outra postura com relação ao Domingo, assim, Pipa descreve:

> Na segunda metade do século XX o declínio da doutrina bíblica do sábado atingiu amplas proporções. Hoje cristãos reformados estão pormenorizando na questão do sábado, voltando a argumentos que foram consistentemente repudiados ao longo de toda a história da Igreja. Enquanto no papel a maioria das denominações reformadas permanece comprometida com a doutrina da guarda do sábado, nos concílios eclesiásticos e no ensino e pregação de um número crescente de pastores presbiterianos e reformados, a verdade e os privilégios gloriosos dela estão sendo negados.[142]

A igreja de modo geral passou a visualizar aquela antiga forma de guardar o Quarto Mandamento como um peso desnecessário e algo exagerado para seu tempo. Se vivemos em um período em que o amor pela Pregação da Palavra de Deus, pela comunhão da igreja e pela vida de santidade fora abandonado, a maneira como o Quarto Mandamento tem sido observado, ou não, caracteriza bem esse período e o Sábado Cristão como fora esboçado antes acaba por se tornar "uma experiência lúgubre e triste", e a sociedade que assim o vê representa, portanto, a "caricatura de uma época irreligiosa", como considera Leland Ryken.[143]

Se os puritanos estavam certos, um povo que abandona o dia do Senhor deve esperar deste Seu juízo, como se daquele Mandamento "constituísse toda a Sua honra e

---

[140] PAYNE, John D. **No esplendor da santidade:** redescobrindo a beleza da adoração reformada para o século xxi. Editora os puritanos. Recife, PE. 1º Ed. 2015. p. 94.
[141]BEEKE, Joel. **Espiritualidade reformada. Uma teologia prática para a devoção a Deus**. São Paulo: Editora fiel. 2014. p.161.
[142] PIPA. Op. cit. p. 162.
[143] RYKEN, Leland. **Santos no mundo. Os puritanos como realmente eram**. Editora fiel. São José dos Campo, SP. 2º Ed. 2013. 326.

todo o culto que Lhe devemos".[144] Porém, se de fato estavam corretos, devemos crer também que apenas "se os homens pudessem arrancar dos céus o sol, a lua e as estrelas, poderiam abolir da Igreja o santo *Sabbath*",[145] como se vê em toda história, pois, santificar o Sábado Cristão "não é uma lei ab-rogada, mas a lei moral e perpétua de Deus, aperfeiçoada".[146]

[144] BAYLY. op. cit. p.243.
[145] Ibid. p.253.
[146] Ibid. p.242.

CAPÍTULO III: A TEOLOGIA DO SÁBADO CRISTÃO

O Sábado Cristão permaneceu desde o período da igreja primitiva, tendo seu entendimento mais bem consolidado no período da Pós-Reforma com os *divines*, o escolasticismo protestante, mais conhecidos como puritanos.[147] Estes trouxeram solidez ao conceito e prática do Sábado Cristão, termo utilizado na Confissão de Fé produzida por eles para explicar seu caráter moral e perpétuo. Dois princípios foram estabelecidos quanto ao Sábado cristão: o primeiro é que este é de caráter moral e perpétuo devido ao seu vínculo com a criação (Gn 2.3); e o segundo princípio é que, decorrente da obra de redenção realizada por Deus em Jesus e completada na sua ressurreição dos mortos, o dia sofre uma mudança passando do sétimo para o primeiro da semana (Sl 118.22). Este segundo capítulo terá por foco a análise desses dois princípios tratados em dois tópicos, respectivamente.

A Criação: O Caráter Moral e Perpétuo do Sábado Cristão

É de fundamental importância entender a relação do Sábado com a Criação do mundo, uma vez que o próprio mandamento sendo escrito nos remete diretamente a isso: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar... *porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso*, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou.*"* (Êx 20.8,11). Isso é confirmado pelo fato de que esse texto se refere imediatamente a um texto anterior, na gênese da Criação: "E *abençoou* Deus o dia sétimo e o *santificou*; porque nele *descansou* de toda a obra que, como Criador, fizera" (Gn 2.3). Logo, o alvo deste primeiro tópico será basicamente a análise da implicação dessa relação entre Êxodo e Gênesis. Assim, procuro organizar a defesa em seis simples argumentos que nos ajudam a entender sua perpetuidade. O primeiro trata da universalidade do Sábado; os segundo, terceiro e quarto estão fundamentos nos três verbos que descrevem o Sábado em Gênesis 2.3; o quinto está implícito em Gênesis 2, explicado em Hebreus 4 e se

[147] PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2016. P. 8.

trata da natureza escatológica do Sábado; e o sexto é a inclusão do Sábado nos Dez Mandamentos, revelando seu caráter moral.

A Universalidade do Sábado na Criação

Primeiramente, o que ocorre é que a Criação do universo é algo comum a todo ser humano, não apenas aos hebreus (de onde veio o Antigo Testamento e o livro de Gênesis), mas a todos os povos. Tudo o que foi posto inicialmente na obra da criação é de interesse universal, como por exemplo, a criação do dia e da noite; [148] ou a criação das águas e dos céus.[149] Essas coisas que foram criadas com a humanidade (Adão e Eva), toca a todo ser humano na história, uma vez que foram estabelecidos para aqueles primeiros humanos sem nacionalidade (Adão e Eva), consequentemente para toda sua descendência. Esse princípio naturalmente se aplica à lei do Sábado, que é criada com e para o homem.[150] A conclusão lógica é que essa "é uma mensagem universal sobre um grande fato do *universo*, dizendo respeito a todos os homens desse universo, não importa a época em que vivam". [151] Como bem explica James Bannerman:

> O Sábado, conforme no princípio foi imposto ao homem, não fazia parte de algum plano temporário ou local. Foi instituído como o dia do descanso semanal considerando o homem em seu caráter católico e inalterável como criatura de Deus, e não considerando-o como judeu ou gentio, como participante de uma dispensação limitada e transitória. [152]

Decorrente disso faz-se necessário crer que o Sábado como posto na criação não foi só um símbolo ou algo que possa ser submetido a algum tipo de interpretação ambígua, mas "o relato acerca do sétimo dia é uma revelação de Deus tão confiável quanto o que foi revelado sobre os seis primeiros dias". [153] Assim,

> ... não há como escapar da conclusão de que o Sábado designado no início não tinha nenhuma ligação com alguma dispensação temporária ou local, mas foi dado ao homem em sua condição de criatura de Deus, para ser a lei fundamental do seu culto; e que, como tal, é uma

[148] Gn 1.5
[149] Gn 1.7,8
[150] Gn 2.3; Mc 2.27.
[151] Van Groningen. **O Sábado no AT**. Disponível em: < http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III__1998__2/o_sabado.....pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[152] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 394.
[153] Van Groningen. **O Sábado no AT**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III__1998__2/o_sabado.....pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

> ordenança obrigatória aos homens em todas as épocas, e sob todas as circunstâncias e mudanças que possam ocorrer enquanto existirem sobre a terra. [154]

O Sábado como Descanso ("... descansou...")

Naturalmente, outro ponto deve ser observado ao seguirmos nessa linha. O texto de Gênesis não apenas trás o fato histórico da instituição do Sábado, mas o descreve e o define bem quando diz que Deus *abençoou* e *santificou* e *descansou* no sétimo dia. Com o uso destes termos, o Sábado parece ter uma relação direta com o próprio Deus e com a humanidade. Indica que "claramente pertence ao relacionamento com Deus no qual o homem entrou como criatura, no exato momento em que foi criado por sua onipotente mão".[155] Isso pode ser visto pelo fato de que Deus mesmo *descansou* no Sábado e ordena que nós descansemos. [156] Para Calvino isso traz uma clara e bíblica dedução: "Deus repousou; e, depois, abençoou esse repouso, para que em todos os tempos ele fosse tido como santo entre os homens; ou ele dedicou cada sétimo dia para descansar, para que seu próprio exemplo viesse a ser uma norma perene".[157] Segundo Calvino o exemplo de Deus serve de princípio para as obras do homem. O homem como uma criatura deve imitar a Deus, seu Criador. "Isso é regra geral e aplica-se ao *Sabbath*, também".[158] Porque Deus fez, o homem deve fazer, perpetuamente. Calvino desenvolve ainda mais essa verdade, mostrando que o descanso de Deus não é só um exemplo daquilo que ele requer, mas um princípio motivador:

> ...o próprio exemplo de Deus oferece não pouco estímulo, e cada preceito em si vem a ser, com isso, benévolo. Pois, ou Deus não pode nos atrair mais brandamente, ou incitar-nos mais eficazmente à obediência, do que quando nos convida e nos exorta à imitação dele mesmo. [159]

---

[154] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P.396.
[155] Ibid. P. 395.
[156] Êx 23.12.
[157] CALVINO, João. **Gênesis.** Recife: Editora Clire, 2018. P. 72.
[158] VAN TIL. **O Quarto Mandamento**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[159] CALVINO, João. **Gênesis.** Recife: Editora Clire, 2018. P. 78.

Essa parece ser a melhor resposta do por que Deus, aquele que não se cansa,[160] descansou naquele dia "de toda sua obra que como Criador fizera". Van Gronningen esclarece o significado deste ato:

> De fato, Deus não criou nada no sétimo dia, ele simplesmente declarou sua obra finalizada. Quando lemos no hebraico que ele "descansou," encontramos, na verdade, que ele "*sabateou*" (*wáyoshbot*), isto é, que ele celebrou o término do que havia criado, tendo declarado sua obra como acabada. [161]

Dito de outra forma, "havia um propósito divino em incluir a revelação acerca do sétimo dia, isto é, não apenas a finalização da obra da criação, mas também o fato de que o sétimo dia foi um tempo de *não* criar".[162] Ou seja, o Sétimo dia é mais do que a finalização da obra da Criação. Tão importante quanto, é o fato de que é registrado que Deus intencionalmente não criou mais naquele dia, Ele descansou, celebrou o término da sua criação, e isso foi revelado a nós, portanto há um propósito relacionado à humanidade. É importante, a partir disso, entendermos que o *descanso* não é sinônimo de ociosidade. Na verdade, Jesus esclarece que em João 5:17 que "*meu Pai trabalha até agora".* Quer dizer, o descanso de Deus não se trata meramente de um parar de fazer algo, mas um parar de fazer algo para fazer outra coisa. Isso está intimamente relacionado ao conceito da Providência de Deus, porque ele não simplesmente parou de criar, mas ele passou a sustentar aquilo que fez. Como entendemos isso com relação a nós, senão, que devemos parar de produzir, parar com uma espécie de atividade, e passar a fazer outra, mas não qualquer atividade. Nos seis dias, devemos trabalhar, mas no sétimo, da mesma forma, Deus diz a nós o que devemos fazer, devemos descansar, para o nosso bem e para o bem mesmo daquilo que produzimos. De forma que aquilo que foi feito em seis dias, tem íntima relação com aquilo que será feito no sétimo dia. Eu descanso para que tudo o que fiz e farei seja abençoado. Descanso não é sinônimo de ociosidade, mas se trata de uma outra atividade em que agora minha alma trabalha.

O Sábado como Fonte de Bênçãos ("... abençoou...")

[160] Jo 5.17.
[161] Van Groningen. **O Sábado no AT**. Disponível em: < http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III__1998__2/o_sabado.....pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[162] Ibid.

Outras duas coisas são ditas além do fato de que ele *descansou.* Deus também *abençoou e santificou* o sétimo dia. São dois termos que comunicam algo relacionado à adoração e ao benefício de Deus para com os homens que criou.[163] O fato de Deus ter abençoado o Sétimo dia da criação tem importante significado para a própria criação. O. Palmer Robertson diz:

> Quando as Escrituras registram que Deus abençoou o dia de Sábado em combinação com sua atividade criadora, obviamente isso não quer dizer que Deus falou inexpressivamente, em um vácuo. Sua bênção dada a esse dia tem efeito significativo com relação ao mundo. Além disso, a referência ao fato de Deus abençoar o dia não deve ser interpretada como significando que Deus abençoou o dia com respeito a si mesmo. Foi com respeito à sua criação e, em particular, com respeito ao homem que Deus abençoou o dia de Sábado. Como Jesus incisivamente indicou, "o sábado foi estabelecido (...) por causa do homem (...)" (Mc 2.27). Deus criou o Sábado porque ele era para o bem do homem e de toda a criação.[164]

Isso será melhor explicado no capítulo sobre a prática do Quarto Mandamento. Mas vale adiantar que há promessas vinculadas a este mandamento que dizem respeito ao bem da vida do homem. Devemos aprender a entender que, quando quebramos este princípio, nós ofendemos a Deus, mas Ele não perde nada com isso. O Quarto Mandamento é uma expressão fundamento do fato de que, quando quebramos a Lei do SENHOR, somos nós quem perdemos algo. Nós é que precisamos disso. O Sábado nos explica exatamente isso, pois ele foi posto "por causa do homem". Para o nosso benefício. Precisamos dele. Uma das promessas mais maravilhosas da Escritura é claramente vinculada a guarda do dia do Senhor, em Isaías 58:13,14:

> Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no *meu* santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia *do Senhor*, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, *então te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó*, teu pai, porque a boca do Senhor o disse.

A Santificação do Sábado ("... santificou...")

[163] Êx 13.2; Lv 6.18; Êx 12.32; Lv 9.23; Nm 6.23; Dt 15.6
[164] ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos pactos**. São Paulo: editora cultura cristão. 2º ed. 2011. P. 62.

Da mesma forma ele *santificou* o Sétimo dia. Segundo João Calvino, *santificar*, "*kadesh*, para os hebreus, é separar do uso comum. Deus, portanto, santifica o sétimo dia, quando ele o torna ilustre, que por uma lei especial pode ser distinguido do resto".[165] O dia escolhido por Deus para ser o Sábado foi santificado por ele, ou seja, não há outro dia assim senão aquele o qual Deus separou autoritativamente com um propósito definido. Assim, Edwards conclui: "qual poderia ser o sentido de Deus descansar ao sétimo dia, e consagrá-lo e santificá-lo, fazendo-o antes da entrega do quarto mandamento, senão que o abençoava e santificava com respeito à humanidade?" [166]

Entendendo que o conceito do Sábado está relacionado de alguma forma com a união de Deus e dos homens, cabe então a devida compreensão de como se revela bem essa união. Deus descansa, abençoa e santifica o sétimo dia da Criação, certamente com um propósito bem estabelecido, cujo entendimento se clareia à medida que a revelação prossegue. O descanso de Deus e a bênção e santificação do Sábado implicam numa conduta própria do homem com respeito ao Criador e à criação. Com respeito ao Criador essa conduta chama-se *adoração*. Dessa forma Lewis Bayly afirma:

> "O todo-poderoso Deus quer ser servido e adorado não somente por pessoas e famílias, privadamente, mas também de maneira mais pública, por todos os piedosos reunidos numa Igreja visível. Seu propósito é que, por esse meio, Ele seja conhecido, não só como o Deus e Senhor de pessoas individuais, mas também universalmente, como o Deus de todas as criaturas do mundo.[167]

Para Bayly, então, o Sábado tem a finalidade de reconhecer Deus como Criador. Ora, isso significa que enquanto Deus for o Criador (e ele sempre será), o Sábado deve permanecer. Um dia especial para comunicar essa verdade a respeito de Deus indica que o homem, dentre muitas de suas atividades, possui uma específica, prestar culto àquele que o criou. Por isso, Bannerman mais uma vez nos diz:

> Se de fato o culto público é uma ordenança permanente na igreja, e um dever perpétuo obrigatório aos seus membros, conclui-se necessariamente que é preciso usar um tempo determinado, empregando-o na observância desse culto. [...] a própria razão natural, quando ensina aos homens o dever do culto, ensina-os ao mesmo tempo a dedicar certa parte do seu tempo na execução desse dever. [...] a razão natural talvez não consiga responder de forma muito clara. Mas a

[165] CALVINO, João. **Gênesis.** Recife: Editora Clire, 2018. P. 72.
[166] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. **tuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[167] BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. São Paulo: Editora PES. 2010. P. 231.

> própria luz da natureza impõe a necessidade de separar certa proporção de tempo para o culto a Deus – pois o dever da adoração encontra-se inseparavelmente ligado ao relacionamento essencial que existe entre a criatura e o Criador. [168]

Um dia de descanso, um tempo separado (santificado), comunica a ideia de que o homem deve ter um tempo para cultuar ao seu Criador, e isso é uma verdade que se revela em todos os tempos e enquanto o ser humano possuir atividades específicas relacionadas à variedade de suas funções. Bruce Waltke afirma que "a ordem da criação está por trás da observância do dia de descanso: *Eu Sou* fez com que esse dia fosse parte da própria estrutura do Universo".[169] Enquanto durar este universo, durará o Sábado. Assim, a Revelação bíblica, a razão natural e a própria luz da natureza testificam da necessidade e perpetuidade de um dia separado por Deus para seu uso próprio na vida do homem. Waltke conclui:

> Quando interrompemos nossa agenda no sétimo dia, entramos na sagrada esfera da ação de Deus. Mediante a observância do dia de descanso, permitimos que os propósitos divinos irrompam nos nossos. Mas Deus escolheu um dia específico para nos forçar a permitir que seu propósito tenha prioridade sobre os nossos. Por esse motivo, a ordem da Criação é a justificativa para o dia de descanso. [170]

Se o homem tem, em sua vida, atividades secundárias numa variedade de dias, um dia é necessário para se apresentar a Deus em louvor e revelar a prioridade de Deus em suas vidas e de como não dependem das coisas secundárias, mas do Deus que as ordena e as concede.

O Sábado como Tipo da Eternidade

É válido observar a forma como o sábado é descrito na sua instituição. Uma característica dos outros dias é que neles "*houve tarde e manhã...*", mas não foi o caso do sétimo dia. Sem dúvida essa é uma marca que distingue o Sábado dos outros dias, agora não só pelo descanso, santificação e bênção, mas por trazer a imagem de um dia sem fim, sem tarde ou manhã. Ao que parece, pelo que a própria revelação bíblica diz, o Sábado tem um objetivo escatológico, de refletir a eternidade futura, pois ainda "resta

[168] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 392.
[169] WALTKE, Bruce K. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: editora vida nova. 1º ed. 2016. P. 474.
[170] Ibid. P. 474.

um repouso para o povo de Deus".[171] "O registro do dia foi deixado em aberto para retratar o descanso eterno que o Senhor providenciaria para seu povo". [172] Desse modo,

> É significativo que esse dia seja apresentado – com certeza de maneira intencional – como um dia sem noite. Imagina-se o descanso de Deus como um descanso sem sinal de trevas, que são um símbolo teológico negativo da opressão e da morte. Naquele dia, o caos primordial terrível será banido para sempre. Em outras palavras, ao descansar no Sábado, Israel experimenta o mundo vindouro, um mundo de bênção imaculada que o povo de Deus está destinado a herdar no *eschaton.* [173]

Por não ter tarde ou manhã naquele dia não significa que não seja um dia literal, como visto antes, se os seis dias anteriores foram dias de fato, não teria porque o sétimo não ser. Essa é a interpretação mais simples e óbvia do texto. Há na Escritura um registro semelhante, como por exemplo, o Sacerdote Melquisedeque que "não teve princípio de dias, nem fim de existência".[174] Isso não significa que Melquisedeque não tenha existido ou tenha sido meramente uma alegoria de Cristo, antes, ele foi registrado como "rei de Salém... que saiu ao encontro de Abraão".[175] Mas o registro de sua história no livro de Gênesis não revela ancestrais ou descendência, nem registro de nascimento ou morte, isso para que fosse descrito como um tipo profético de Cristo. Assim ocorreu com o Sétimo dia da Criação, que não teve tarde ou manhã, mas foi um dia de fato, e foi descrito assim de uma forma intencional como um tipo profético do Sábado eterno.

Logo, esse caráter escatológico do Sábado, como um dia sem fim, um dia que reflete aquele Dia eterno, traz sobre si a responsabilidade de permanecer até que a eternidade venha. Se o Sábado foi instituído como um dia que lança o pensamento dos homens para a eternidade futura, este dia deve permanecer até que essa eternidade se torne realidade definitivamente. É o que o próprio descanso de Deus reflete, uma vez que ele descansou de sua obra de criação e de fato a concluiu, ou seja, ele cessou de criar, seu descanso é fora do tempo, seu descanso é eterno:

> O descanso duradouro a que Deus chegou assinala o término do ato de Criação. Antes, havíamos observado que, ao criar o mundo, o Criador triunfou sobre o caos e produziu a vida. Seu descanso duradouro significa que ele foi bem-sucedido: sua vitória e sua obra estão completas e são definitivas.[176]

---

[171] Hb 4.9.
[172] PIPA, Joseph. **O dia do Senhor**. Recife, PE: Editora os puritanos, 2000. P. 33.
[173] WALTKE, Bruce K. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: editora vida nova. 1º ed. 2016. P. 211.
[174] Hb 7.3.
[175] Hb 7.1; Gn 14.18-20.
[176] WALTKE, Bruce K. **Op. Cit.** p. 210.

A maneira que a humanidade como criatura celebra o término dessa obra é através de um descanso temporal, de um dia de descanso que reflita aquele dia eterno onde Deus *descansou* (*shabbath;* na LXX *κατέπαυσεν*),[177] e chama suas criaturas a descansar no futuro (*κατεπαυσεν*).[178] Tudo que fazemos que seja um reflexo do que Deus mesmo fez só é possível dentro do tempo. Isso não acontece apenas com o sábado, mas Deus é eterno, e tudo que devemos ser deve refletir o caráter do Deus eterno, temporalmente.[179] Essa é exatamente a conclusão de Geerhardus Vos, citado por Beale, quando diz que: "'Dessa forma, a humanidade é lembrada de que a vida não é sem objetivo, mas há um alvo além' desta história temporal e terrena das semanas que consiste em um descanso sabático escatológico e eterno".[180]

Vale observarmos, com a ajuda do teólogo Greg Beale, o que nos diz o escritor do Novo Testamento na sua carta aos Hebreus a respeito desse descanso futuro, que é inaugurado por Cristo, desfrutado por Deus no passado, em Gênesis 2.3, mas ainda não consumado no presente.

Toda essa ideia está contida no texto de Hebreus 3.7 – 4.11. Para que não fique extenso, o texto de Hebreus 4.3 e 4.10 nos resume a ideia do autor da carta. O texto diz assim: "*3 Pois nós, os que temos crido, entramos no descanso. [...] 4 Pois assim como Deus descansou de todas as suas obras, aquele que entrou no descanso de Deus também descansou das suas."* A expressão *descanso* no verso 10 é um caso que Beale chama de "perfeito profético". Um modo em que "um autor bíblico considera o fato futuro tão certo de acontecer que fala dele usando um tempo verbal no passado, como se já houvesse acontecido".[181] A ideia aqui talvez seja expressar "o descanso como realidade totalmente futura, com a implicação de que a ordenança do sábado continua até que sua importância como indicador se cumpra na volta final de Cristo".[182] Observe e perceba que o verso 10 está falando da mesma pessoa do verso 3. Aquele que entrou no descanso como Deus e descansou de suas obras [no verso 10], é o mesmo que creu e entrou no descanso [no verso 3], este é o crente. O que o contexto nos explica é que "os cristãos são retratados em toda parte como peregrinos que ainda andam pelo deserto do

[177] Gn 2.3.
[178] Hb 4.10.
[179] Hb 4.11.
[180] BEALE, G. K. *Teologia bíblica, a continuidade teológica do antigo testamento no novo.* Editora vida nova, 1 ed, 2018. P. 655.
[181] Ibid. p. 661.
[182] Ibid.

mundo, mas peregrinam com o alvo de alcançar definitiva e verdadeiramente o último 'descanso' escatológico na verdadeira terra prometida da nova criação consumada por vir".[183]

Assim, portanto, a conclusão óbvia a que chega Beale, encerrando este tópico, é que "a ordenança da Criação de um sábado semanal e o sábado de Israel não cessaram na era da igreja. [...] se o sábado semanal tinha como uma de suas funções apontar para o descanso consumado, e esse descanso ainda não chegou, então o sábado semanal deve continuar."[184]

A Moralidade do Sábado

Diante do que foi exposto fica evidente que o Sábado foi instituído na Criação. Mas vale lembrar que houve um episódio marcante na história do povo de Israel em que Deus alimentou o povo no deserto de Sim com Maná do céu (Êx 16). Ali Moisés traz palavras significativas ao povo com respeito ao Sábado: "Então, disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto o sábado é do SENHOR; hoje, não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele, não haverá".[185] Pode existir um falso entendimento de que o Sábado foi primeiramente instituído nessa ocasião, caso seja aceito que a citação do Sábado em Gêneses 2 não traga necessariamente uma relação de instituição. Diante disso Van Til responde dizendo:

> Alguns têm defendido que o *Sabbath* foi instituído pela primeira vez no deserto de Sim (Êxodo 16:22-30). Mas toda a história como aqui relatada pressupõe um conhecimento do *Sabbath*. "Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?" [Êxodo 16:28]. Isto aponta para uma lei conhecida anteriormente. Em segundo lugar, as pessoas parecem reunir uma porção dupla de maná sem que seja dito. Em terceiro lugar, quando alguns desejam procurar o maná no *Sabbath*, Moisés fica irado com eles porque ele sugere que eles deveriam ter conhecido melhor. Assim, o conhecimento do *Sabbath* é muito mais anterior às ordenanças específicas dadas para o *Sabbath* judaico. [186]

Então as Escrituras apontam que o Sábado já era conhecido antes do episódio no deserto de Sim. Por isso Bannerman esclarece que,

---

[183] Ibid. p. 662.
[184] Ibid. p. 664.
[185] Êx 16.25,26.
[186] VAN TIL. **O Quarto Mandamento**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.

> A narrativa do Êxodo, que descreve os israelitas colhendo porção dobrada de maná no sexto dia, e não colhendo nada no sétimo, não pode, com base em qualquer princípio sadio ou equilibrado de interpretação, ser considerado de forma diferente do que uma simples referência ao Sábado, não como se essa fosse a instituição desse dia, pela primeira vez, mas antes como uma ordenança bem conhecida e familiar.[187]

Ele continua e conclui que

> Não existe a mínima possibilidade de livrar-se desse argumento da divina e permanente obrigação do Sábado, a não ser que se negue a credibilidade e autenticidade da narrativa da sua instituição em Gênesis, ou então se a interpretarmos de tal forma que justifique a conclusão de que não foi ordenado na época da Criação, mas depois, aos israelitas no deserto.[188]

As duas interpretações são consequência uma da outra, uma vez que o Sábado como instituição é desvinculado da Criação, outro lugar deve ser posto, nesse caso, o deserto de Sim. Sendo assim, o Sábado não se revela mais como de caráter universal e perpétuo, mas seria um dia dedicado a um povo específico por um breve período de tempo.

Uma vez que fica evidente o entendimento de que o Sábado foi estabelecido na Criação e, portanto, isso se aplica a toda a humanidade, quando Adão cai em pecado, no desenrolar da Revelação bíblica o Sábado passa a ser tratado de maneira diferente com respeito a um povo especial. Agora o Sábado é vestido de uma roupagem adequada por um determinado povo, porém sua essência permanece. O Sábado é escrito no livro da Lei de Moisés, e vale observar que, "como acontece com os demais mandamentos, o Livro da Lei não estabelece a observância do dia de descanso de Israel, mas o codifica".[189]

O Sábado passa a ser tratado dentro do corpo de uma Lei. O sétimo dia, que foi pela primeira vez pronunciado na criação, é então ordenado numa lei escrita e no núcleo dessa lei, os Dez Mandamentos. Não apenas isso, mas se encontra ainda no núcleo dos Dez Mandamentos, no núcleo do núcleo, sendo o quarto, entre os três primeiros que tratam de assuntos relacionados à pessoa de Deus, e os seis últimos que tratam do próximo.[190] Agora, o sétimo dia, que fora anunciado na criação, estabelecido junto à própria criação, é ordenado na Lei Moral. É necessária a compreensão da natureza do

[187] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2.** Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 396.
[188] Ibid.
[189] WALTKE, Bruce K. **Op. Cit**. p. 473.
[190] Êx 20.1-17.

Sábado. Há, sem dúvida uma certa distinção entre o Sábado e mandamentos que falam de blasfêmia ou de assassinato, porém, o Sábado foi colocado entre eles. Ernest Kevan explica que "a Lei do Sábado (...) tem sua moralidade e perpetuidade a partir do mero mandamento positivo de Deus". [191] Deus, por sua autoridade, faz do Sétimo dia uma ordenança permanente. O Sábado, alvo de tantas controvérsias, com menos luz da razão para ser, possui bastante luz da revelação quando incluído na criação e posteriormente incluso nos Dez Mandamentos.

A partir daqui passamos a entender que, se o Quarto Mandamento foi abolido ou algo parecido, se ele sofreu qualquer tipo de reducionismo, isso deve se aplicar a todos os outros nove mandamentos. Mas a Lei moral, os Dez Mandamentos, por sua própria definição, implica em perpetuidade, conforme Kevan:

> Embora não haja coisa alguma na conotação do termo que implique uma obrigação permanente, esse é o significado que pertence à ideia da lei moral; e é essa permanência da obrigação que faz a distinção entre o que é moral e as obrigações que estão nas outras categorias. [192]

Logo, se a obrigação dos Dez Mandamentos é perpétua, isso significa, novamente, que seu alcance vai para além de um povo e de uma era específica:

> Quando Deus deu os Dez Mandamentos por meio de Moisés ao povo de Israel, embora eles fossem o povo a quem, então, falava, ele pretendia que a obrigação de manter esses mandamentos recaísse não somente sobre os israelitas, mas também sobre todas as pessoas que, no devido tempo, fossem levadas a conhecê-lo. [193]

Assim como pôde ser afirmado antes sobre o Sábado quando instituído na Criação, fazendo parte da estrutura do universo, assim essa realidade dobra quando o Sétimo dia passa a ser ordenado como Lei Moral:

> Não pode haver fuga das reivindicações da Lei moral. Suas demandas pertencem à própria constituição do homem como homem e são realçadas pela misericórdia de Deus que tem reiterado Sua santa Lei para a salvação de pecadores. [194]

O Quarto Mandamento, portanto, como uma lei moral, diz respeito a todos os povos em todos os tempos. Ele foi escrito assim para que permanecesse para além do Antigo Testamento e do povo Judeu. Assim, como toda lei moral, sua obrigatoriedade no Novo Testamento não diminuiu, pelo contrário, ganhou um entendimento mais

[191] KEVAN, Ernest. **A lei moral**. Recife: Editora os puritanos. 1º ed. 2000. P. 71.
[192] Ibid. P. 64.
[193] Ibid. P. 68.
[194] Ibid. P. 72.

profundo. “Como o quarto mandamento é uma lei moral, requer que um sétimo dia seja mantido santo para sempre. E o caráter moral deste, como do resto dos mandamentos, deve ser observado mais religiosamente sob o Evangelho do que pelos judeus sob a lei”.[195]

É verdade que o Sábado como praticado no Antigo Testamento e descrito pela lei mosaica possuía características que diziam respeito exclusivamente àquele povo naquele tempo, porém, as cerimônias que envolviam o Sábado possuíam um caráter profético e apontavam para Cristo, não abolindo assim a essência do Sábado, sua moralidade, mas apenas o limpando daquilo que eram sombras. Bayly explica dessa forma:

> Ao quarto mandamento foram acrescentadas algumas cerimônias que pertenciam peculiarmente aos judeus, e a nenhum outro povo (...). Seu propósito era prefigurar para os judeus que Cristo, por Sua morte, e descansando no túmulo durante o *Sabbath*, lhes daria descanso e alívio do fardo e do jugo das cerimônias legais que nem eles nem seus pais podiam suportar (At. 15.10; Cl 2.16,17). [196]

Como dito anteriormente, o Sábado foi posto na Criação, isto é, antes da queda ele já havia sido instituído. Naquele primeiro registro o Sábado foi dado a um povo sem pecado, sem necessidade de cerimônias e ritos que diziam respeito à fé, mas depois da queda o Sábado foi revestido pelos rituais que um dia seriam abolidos em Cristo, não o Sábado seria abolido, mas as cerimônias que o envolviam:

> A cessação das cerimônias anexadas ao primeiro, ao quinto e ao sexto mandamentos, e ao casamento, não aboliu nem aqueles mandamentos nem o casamento, nem fez com que deixassem de ser normas perpétuas para o culto de Deus e para a conduta reta do homem. Assim também a ab-rogação das cerimônias anexadas ao *Sabath* não anula o caráter moral do mandamento do *Sabbath*.[197]

Concluindo essa parte, entende-se que a obrigatoriedade do Sábado está basicamente vinculada à sua instituição na Criação, ao seu caráter escatológico, e à sua moralidade. Seu lugar na natureza e na Lei foi posto de tal forma que ele não pode de lá ser arrancado sem que traga prejuízo e caos aos homens,

> Por isso Deus colocou este mandamento no meio das duas tábuas, porque a sua fiel observância é a melhor ajuda para a observância do resto do Decálogo. A consciente guarda do Sabath é a mãe de toda a religião e da boa disciplina na igreja. Tirem o *Sabath*, e todos vão servir

[195] BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. São Paulo: Editora PES. 2010. P. 242.
[196] Ibid. P. 260.
[197] Ibid. P. 261.

> a Deus quando quiserem e, que será da religião e de sua ordem e paz em pouquíssimo tempo? (1Co 14.33,40).[198]

Assim, o Quarto Mandamento não possui apenas um caráter simbólico, mas deve ser perpetuamente posto em prática, conforme aponta a própria natureza e moral dos homens. Por isso Jonathan Edwards conclui:

> O primeiro mandamento fixa o objeto, o segundo os meios, o terceiro a forma, o quarto o tempo. E, se prevalece agora apenas como se indicasse o descanso espiritual do Cristão, e o santo proceder em todos os tempos, não mais permaneceria como um dos dez mandamentos, mas como um resumo deles. [199]

Enquanto houver tarde e manhã Deus deverá ser assim dignificado por seus sábados, pois "nisso Deus é honrado, uma vez que é uma manifestação visível de respeito pela santa Lei de Deus, e uma reverência daquilo que tem peculiar relação com Ele próprio, e isso de uma maneira superior em alguns aspectos à observância dos demais mandamentos". [200]

A Redenção: O fundamento para a mudança do dia

Uma vez estabelecida a compreensão da perpetuidade do Sábado, é preciso entender como os cristãos da Nova Aliança se relacionam com o Sábado e qual seria o entendimento apostólico do Quarto Mandamento depois que Cristo ressurgiu dos mortos.

Inicialmente é interessante observar que os Dez Mandamentos foram citados outra vez no Antigo Testamento no discurso de Moisés no livro de Deuteronômio.[201] Porém, um dos mandamentos, o quarto, possui uma mudança significativa na escrita: "*Guarda* o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o SENHOR, teu Deus. (...) porque *te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido*; *pelo que* o SENHOR, teu Deus, te

[198] Ibid. P. 243.
[199] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[200] Ibid.
[201] Dt 5.6-22.

ordenou que guardasses o dia de sábado". [202] A expressão *lembra* (זָכוֹר) de Êxodo 20 mudou de posição e passou a iniciar o que seria, também, a base para a observância do Sábado, "*...lembrarás...*" (וְזָכַרְתָּ). Essa base para a guarda do Sábado, diferente de Êxodo que fala a respeito da Criação, faz referência à Redenção do povo de Israel. O. Palmer Robertson explica: "Agora, a razão para a guarda do Sábado refere-se não somente à criação, mas também à redenção. Porque Deus deu descanso pela redenção, Israel deve observar o Sábado".[203]

Ao que parece no entendimento de Moisés há uma relação estreita entre a Criação e a Redenção. Bruce Waltke esclarece:

> Em Êxodo, no Decálogo, a guarda do Sábado é explicada como uma imitação do descanso de Deus após o trabalho divino da Criação (Êx 20.8-11). Em Deuteronômio, a observância do Sábado é explicada como um memorial da libertação da escravidão do Egito. Esses dois motivos têm relação entre si. A criação da terra, a partir da água e com a participação do vento, e o êxodo de Israel pelo mar, com a mesma participação (Êx 15.10), são as duas grandes obras de criação e libertação operadas por Deus. O Sábado celebra tanto o ato de se libertar o cosmo do caos sem vida para que passe a ter vida organizada, quanto o ato de Israel ser libertado da escravidão egípcia para adorar *Eu Sou*.[204]

Aparentemente essas duas colunas para o Sábado se unem como a essência da base da sua observância. São de tal forma unidas que se confundem para expressar a mesma lei. Quando Moisés canta em Deuteronômio sobre a salvação do povo de Deus, ele diz: "Achou-o numa terra deserta e num *ermo* solitário povoado de uivos; rodeou-o e cuidou dele, guardou-o como a menina dos olhos" (Dt 32.10). [205] A expressão "*ermo"* (וּבְתֹהוּ), usada para descrever a situação do povo israelita, é a mesma palavra anteriormente usada na narrativa da Criação para explicar o estado da terra, "... *sem forma...*" (תֹהוּ). [206] Sinclair Ferguson diz:

> ... em Deuteronômio, o executivo do Êxodo é alguém que protege o povo "num ermo e solitário povoado de uivos... como a águia... voeja sobre seus filhotes". (...) Este é o outro exemplo do uso da palavra *tohû* ("informe") no Pentateuco (...). Não pode ser acidental que, aqui em Deuteronômio 32.1-11, como em Gênesis 1.2, ela ocorra em conjunção com o verbo *rahap*. Assim, se introduz uma analogia (por certo deliberada) no Antigo Testamento entre o "pairar" do *ruach elohim*

[202] Dt 5.12,15.
[203] ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos pactos**. São Paulo: editora cultura cristão. 2º ed. 2011. p. 65.
[204] WALTKE, Bruce K. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: editora vida nova. 1º ed. 2016. p. 210.
[205] Dt 32.1-43.
[206] Gn 1.2.

> [espírito de Deus] sobre a criação insipiente e a presença do Espírito de Deus na obra de redenção ainda incompleta.[207]

Não por coincidência, do mesmo modo que "... o Espírito de Deus pairava por sobre as águas..." em Gêneses 1,[208] assim também ocorreu na Redenção de Israel em Deuteronômio: "Como a águia desperta a sua ninhada e *voeja* sobre os seus filhotes, *estende as asas* e, tomando-os, os leva sobre elas, assim, só o SENHOR o guiou, e não havia com ele deus estranho".[209] É impossível negar que há grande similaridade na maneira como Deus cria e como Ele salva.

O Sábado, portanto, parece carregar em sua essência esses dois conceitos, Criação e Redenção. Essa é a importância da relação entre o texto de Êxodo e o de Deuteronômio:

> As duas razões alternativas para se guardar o Sábado enfocam os dois grandes pivôs do relacionamento histórico de Deus com seu povo. Esses dois acontecimentos têm igual importância. A criação dá origem a um povo de Deus. A redenção cria de novo um povo para Deus. Em cada caso, o Sábado desempenha um papel vital.[210]

A relação entre Criação e Redenção nas Escrituras pode ser vista todo o tempo. Um exemplo claro é o evangelho de João, o único Evangelho em que, falando sobre o Sábado, Jesus afirma: "... meu Pai trabalha até agora; e eu trabalho também".[211] Ele foi, por isso, acusado de fazer-se igual a Deus.[212] Mas qual seria o trabalho de Jesus? O Evangelho de João é iniciado de uma forma que necessariamente nos remete a outro texto bíblico. João inicia seu livro dizendo: "No princípio era o Verbo... todas as coisas foram feitas por intermédio dele... a luz resplandece nas trevas". [213] Essa estrutura é bem conhecida. Gênesis relata: "No princípio criou Deus... havia trevas sobre a face do abismo... Disse Deus: haja luz, e houve luz".[214] A diferença é que em Gênesis Deus está criando a terra ("criou Deus os céus e a terra"), enquanto no Evangelho de João o Verbo, Jesus, estava salvando os homens de seus pecados, e "a vida estava nele e a vida era a luz dos homens".[215]

---

[207] FERGUSON, Singlair. **Espírito santo.** Recife: Editoro Os puritanos, 2016. P. 24.
[208] Gn 1.2.
[209] Dt 32.11,12.
[210] ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos pactos**. São Paulo: editora cultura cristão. 2º ed. 2011. P. 65.
[211] Jo 5.17.
[212] Jo 5.18.
[213] Jo 1.1,3,5.
[214] Gn 1.1,2,3.
[215] Jo 1.4.

Gênesis relata Deus criando o mundo, o Novo Testamento relata Jesus recriando-o,[216] por isso Paulo afirma: "Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo" (2Co 4.6). Aquilo que Deus fez ao criar o mundo, Deus faz no coração do pecador. Por essa razão Davi ora: "cria (בָּרָא) em mim, ó Deus, um coração puro..." (Sl 51.10).

Essa relação entre a Criação e a Redenção ("... nova criação..."),[217] se consolida com a ressurreição de Jesus dos mortos. O poder que criou o universo é o mesmo poder usado na ressurreição de Jesus, como Paulo afirma: "... o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem" (Rm 4.17). A visão do vale de ossos secos pelo profeta Ezequiel, da restauração do povo de Israel, é a própria imagem da recriação da humanidade.[218]

O Descanso de Deus na Criação do mundo e a Ressurreição de Jesus são duas realidades que revelam a mesma verdade acerca do poder e o propósito de Deus.

> Essa perspectiva não deve ser esquecida quando se considera o lugar do Sábado sob a nova aliança. Por sua ressurreição dos mortos, Jesus Cristo consumou os propósitos redentores de Deus. Sua vinda à nova vida deve ser entendida como um acontecimento tão significativo quanto à criação do mundo. Por sua ressurreição ocorreu uma nova criação.[219]

Esse foi o trabalho de Jesus[220] do qual descansou.[221] A ressurreição de Jesus dos mortos representa a obra de recriação inaugurada. Assim como Deus contemplou sua obra e "... viu tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gn 1.31), e no Sábado "... *descansou* nesse dia de toda sua obra que como Criador fizera...",[222] assim também Jesus "...verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito..." (Is 53.11). Ao ressuscitar dos mortos Jesus Cristo contemplou sua obra de criação (salvação), e

---

[216] Jo 1.1-5; 2Co 5.17; Ef 2.10; 4.24.
[217] 2Co 5.17.
[218] Ez 37.1-10. "Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. (...) enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso. Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; (...) Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé..."

[219] ROBERTSON, O. Palmer. **Op. Cit.** p. 65.
[220] Jo 5.17.
[221] Hb 4.10.
[222] Gn 2.3.

descansou naquele dia, o primeiro da semana,[223] de toda sua obra que como *Redentor* fizera.

A Ressurreição de Cristo é a base para a mudança do dia, do sétimo para o primeiro dia da semana, porque "a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do SENHOR e é maravilhoso aos nossos olhos. *Este é o dia que o SENHOR fez*; regozijemo-nos e alegremo-nos *nele*" (Sl 118:22-24). E, como afirma Edwards, "o fato de que a Igreja antiga foi ordenada a guardar um sétimo dia, em comemoração à obra da criação, é um argumento para a guarda de um *Sabbath* semanal em comemoração à obra da redenção, e não uma razão contrária a ela".[224]

A discussão em torno da mudança do dia como se o dia em si fosse a essência do mandamento torna-se inapropriada, uma vez que

> A obrigação permanente e perpétua da ordenança sabática não sofre influência nenhuma com a mudança de dia em que é observada. (...) A mudança diz respeito ao Sábado como ordenança prática, e não com respeito a ele como dever moral. [225]

O que ocorre é que, se foi necessário um dia ser separado por Deus para celebração da obra da Criação, faz-se igualmente necessário um dia para a celebração da Recriação (No Antigo Testamente o dia ser o último tem um significado, assim como no Novo ser o primeiro), pois,

> Lemos na Escritura a respeito de duas criações, a antiga e a nova: e estas palavras do quarto mandamento devem ser tomadas como de mesma força para aqueles que pertencem à nova criação, com respeito a essa nova criação, como ocorria com os que pertenciam à antiga, com respeito a ela. Lemos que: "No princípio criou Deus os céus e a terra", e a antiga Igreja devia comemorar essa obra. Mas quando Deus cria um novo céu e uma nova terra, os que pertencem a esse novo céu e nova terra, por razões análogas, devem comemorar essa nova criação. [226]

Naturalmente, uma vez que o pecado manchou e deturpou a Criação, a esperança óbvia para a humanidade pecadora e para toda criação que "geme e suporta angústias"[227] por conta do pecado, é que sejam refeitos,

> Porque, por Sua ressurreição dentre os mortos, foi operada uma nova criação, espiritual, do mundo, sem a qual todos os filhos de Adão teriam

---

[217] Jo 20.26.
[224] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[225] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 403.
[226] Jonathan Edwards. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Sermão.
[227] Rm 8.22.

> sido determinantemente destinados à destruição eterna, e as obras da primeira criação não teriam consolação para nos ministrar.[228]

Essa última obra é executada pelo Deus *encarnado*,[229] o que exigiu que Ele se unisse à Sua criação de tal forma que se tornasse criatura.[230] Deus resgata a criação caída unindo-se a ela,[231] sem pecar,[232] para então refazê-la por uma obra que exigiu o mesmo poder,[233] porém de maneira diferente e, pode-se afirmar, talvez, num grau mais intenso do que como foi executado na primeira Criação.[234] Por isso, assim como na primeira Criação requereu-se um dia memorial de tão grande obra, assim igualmente, na Ressurreição de Cristo e, portanto, no princípio da restauração do universo, faz-se necessário um dia para celebrar tão grande obra, como ensina o puritano Tomas Watson:

> "Guardas tu o dia do Senhor?" A resposta era: "Eu sou um cristão; não me atrevo omitir a celebração deste dia!" Que grande motivo nós temos para lembrar deste dia! O benefício da libertação de Israel do cativeiro da Babilônia foi tão grande que diminuiu a lembrança de sua libertação do Egito (Jr 16.14); Assim o benefício da nossa libertação do cativeiro de Satanás e a Ressurreição de Cristo depois de terminar a gloriosa obra da nossa redenção foi tão maravilhoso que os seus outros benefícios diminuem diante deste. Grande foi a obra da criação; mas maior a obra da redenção. Custou mais para nos redimir que para nos fazer. Na criação houve apenas o uso da palavra (Sl 148.5); na redenção o derramamento de sangue (Hb 9.22). A criação foi a obra dos dedos de Deus (Sl 8.3); a redenção foi obra de Seu braço (Lc 1.5). Na criação Deus nos deu a nós mesmos; na redenção Ele se deu a nós. Assim, que o dia do Senhor ponha-nos na mente a nossa redenção, e que seja observado com a maior devoção. Nisto, devemos lutar contra nós mesmos."[235]

Por causa da Ressurreição de Cristo, seu descanso e inauguração de uma nova Criação, o Sábado passa do sétimo para o primeiro dia da semana, o dia em que Cristo se levantou não mais com um corpo enfraquecido pelas enfermidades e dores do mundo,[236] limitado pelo desgaste da morte, mas com um corpo glorificado, que não pode ser jamais destruído novamente.[237] Assim, "não pode haver maior autoridade que a de Cristo e seus Apóstolos, nem tampouco nenhuma causa que se iguale à nova

---

[228] BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. São Paulo: Editora PES. 2010. P. 234.
[229] 1Jo 1.2; Rm 1.4.
[230] Jo 1.14; Hb 2.14; 4.14-15.
[231] Hb 2.14.
[232] Hb 4.15.
[233] Rm 1.4; Ez 37.1-14; Sl 51.10; Sl 100.3; 103.3-5.
[234] Jr 16.14; 23.7-8.
[235] Disponível em: <http://www.apuritansmind.com/puritan-worship/the-lords-day/sanctifying-the-lords-day-and-holy-conversation-by-rev-thomas-watson/>. Acesso em 04 de Jul 2018.
[236] Is 53.4-5.
[237] At 2.24; 1Co 15.54-58.

criação do mundo. Por isso o *Sabbath* nunca vai poder ser alterado desse dia para outro qualquer, enquanto durar o mundo".[238] A razão pela qual a igreja do Novo Testamento passou a guardar o primeiro dia da semana, o dia do Senhor, como Sábado cristão, fica, portanto, clara; que a obra da primeira Criação ganhou um profundo significado na inesquecível obra da Redenção. O Sétimo dia comemorou algo jamais visto, a Criação do universo, mas o primeiro dia celebra uma obra ainda maior,[239] a Salvação do mundo, assim como a libertação do povo hebreu do Egito deu seu lugar a grande libertação do povo de Judá do cativeiro babilônico.[240]

> Tudo isso apresenta a este mundo uma exposição mais gloriosa do caráter de Deus com respeito à redenção do que com respeito a qualquer coisa ligada à criação; e indica que o sétimo dia, por tanto tempo ligado à lembrança da criação, estava para ceder suas honras ao oitavo dia, ligado com a memória da redenção.[241]

A Ressurreição de Cristo possui grande ênfase no Novo Testamento, naturalmente por se tratar da base da fé do crente, uma vez que, "se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé".[242] Jesus Cristo "foi designado Filho de Deus com poder... pela ressurreição dos mortos",[243] como fora profetizado por Davi no Salmo 2 onde o Senhor proclama o seu decreto: "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei",[244] referindo-se à ressurreição.[245] Este foi o salmo cantado pela igreja de Atos,[246] onde foi registrado o primeiro sermão de Pedro depois da ascensão de Cristo dizendo que Ele havia sido morto, porém Deus o "ressuscitou, rompendo os grilhões da morte, porquanto não era possível fosse ele retido por ela",[247] e imediatamente, citando o salmo 16, diz: "porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção",[248]

---

[238] BAYLY, Lewis. **Op. Cit. p.** 242.
[239] Existem três descansos mencionados nas Escrituras, cada um excedendo ao precedente em glória, à medida que ocorrem, porque cada um, à medida que ocorre, como que engloba o anterior... Sábado da criação... Sábado da redenção... Sábado da glória, ainda por vir, que não substituirá os dois anteriores, mas envolverá e englobará os dois, quando, depois de restaurada a Criação e completada a redenção, e as duas continuarem na glória, Deus Espírito Santo entrará em seu descanso, e chamará os seus santos para descansarem com ele também, regozijando-se por toda a eternidade no último e mais elevado Sábado de Deus. (BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo**, vols. 1 e 2. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 404).
[240] Jr 16.14; 23.7-8.
[241] BANNERMAN, James. **Op. Cit.** p. 402.
[242] 1Co 15.17.
[243] Rm 1.4.
[244] Sl 2.7.
[245] Hb 1.5.
[246] At 4.25-26.
[247] At 2.24.
[248] At 2.27.

concluindo que, aquele que foi morto, "Deus o fez Senhor e Cristo".[249] A própria ressurreição significa o início de uma nova vida, não mais a vida da antiga criação destruída pelo pecado, mas a vida da nova criação, refeita para a justiça, por isso Paulo constantemente exorta dizendo: "como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida...";[250] "e vos revistais do *novo homem, criado* segundo Deus em justiça e retidão..."[251] "se fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas lá do alto..."[252] Ao que tudo indica, a base da vida cristã, conforme os escritos do Apóstolo Paulo, é a ressurreição de Cristo. Novidade de vida significa estar unido ao Cristo ressurreto.

A Ressurreição de Cristo como a inauguração de uma nova Criação revela o seu senhoril sobre toda a criação, como aquele por meio do qual tudo foi feito e refeito.[253] Por isso, o Sábado Cristão é chamado 'dia do Senhor'.[254]

> O primeiro dia da semana, sendo nas Escrituras chamado de dia do Senhor, o torna suficientemente apto a ser o dia da semana a ser guardado e santificado para Deus; pois Ele agradou-Se em chamá-lo por Seu próprio nome. Quando algo é chamado pelo nome de Deus nas Escrituras, isto implica que Deus apropriou-Se dele para Si. Assim, Deus colocou Seu nome sobre a antiga nação de Israel, Números 6:27: "Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei". [255]

Esse dia mostra mais uma vez que o Deus de todas as coisas é o Senhor Jesus Cristo e não o pecado ou o Diabo. Michel Horton diz:

> A ressurreição – a qual é suficiente para mover o sábado para o domingo – reverte a maldição posta sobre a criação por causa do pecado do homem, e representa o dia do nascimento da nova criação. Além disso, ele representa o privilégio, o qual, nós, como criaturas e não apenas como cristãos, fomos criados para usufruir.[256]

O Sábado Cristão é o dia pelo qual Deus declara sua soberania sobre o universo criado e, especialmente, sobre a vida de seu povo refeito para uma nova vida. Essa expressão usada por João em Apocalipse 1 para se referir ao primeiro dia da semana é

---

[249] At 2.36.
[250] Rm 6.4.
[251] Ef 4.24.
[252] Cl 3.1.
[253] Jo 1.3; Hb 1.2.
[254] Ap 1.10.
[255] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[256] HORTON, Michael. **Um caminho melhor**. São Paulo: Editora cultura cristã, 1º ed. 2007. P. 226.

uma poderosa evidência da postura da igreja do Novo Testamento quanto ao primeiro dia da semana, "e se, por dia do Senhor, pretende um dia qualquer, como nos informaria quando ocorreram os eventos?" [257]

O testemunho do tratamento dos cristãos primitivos para com o primeiro dia da semana revela-o como o Sábado Cristão. [258]

Isso revela, como ocorreu com toda doutrina de Cristo na Nova Aliança aquilo que foi deixado por Cristo e seus Apóstolos e foi absorvido pela igreja de maneira paulatina, porém, real e sinceramente, e de tal forma que teve seu alcance em toda verdadeira igreja ao redor do mundo que professou a fé cristã na história.

> Cristo foi terno com a Igreja enquanto esta estava na infância. Não a alimentou com carne gorda, mas foi cuidadoso em trazê-la à observância do dia do Senhor paulatinamente, e, portanto, usou de todas as ocasiões para honrá-lo, aparecendo de tempos em tempos nesse dia; enviando Seu Espírito naquele dia de forma notável, no Pentecostes; ordenando aos Cristãos que se encontrassem a fim de partir o pão nesse dia, e que separassem suas contribuições e outros deveres do culto para esse dia. Assim introduziu a observância dele gradualmente. E, embora o Espírito Santo não tenha falado claramente acerca dele, contudo Deus teve especial atenção que fossem achadas evidências suficientes de Sua vontade, pela Igreja Cristã, quando estivesse mais estabelecida e alicerçada, e chegasse na idade e força da maturidade. [259]

Assim, conclui-se que o Sábado Cristão, o Quarto Mandamento, nunca fora abandonado pela Igreja, tanto no Antigo como no Novo Testamento, apenas comunica as obras de Deus em estágios diferentes da história.

> Na plantação e no estabelecimento inicial da igreja, nada foi feito senão por especial ordem e direção dos apóstolos (2Co 11.34; 14.36,37; Tt 1.5; At 15.6,24), e os apóstolos nada fizeram, senão o que Cristo os

---

[257] EDWARDS, Jonathan. Op. Cit. (Lewis Bayly, "a realização da nova criação do mundo, efetuada pela ressurreição de Cristo, pela qual Ele poderosamente foi declarado Filho de Deus (Rm 1.4), merece um *Sabbath* para perpétua comemoração dessa gloriosa obra, para a honra de Cristo, e por isso o dia desse *Sabbath* é chamado dia do Senhor").

[258] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. P. 403: "qualquer leitor atencioso descobrirá facilmente esses exemplos no Novo Testamento, suficientes para demonstrar a impositiva mudança do Sábado do último para o primeiro dia da semana. ... aparições... reunião determinada das igrejas... contribuições semanais... Dia do Senhor. Tudo isso é suficiente para estabelecer um precedente bíblico para a mudança do dia, de igual autoridade a um mandamento explícito." (Edwards, A universalidade do costume em todos os países Cristãos, em todos os tempos, em todos os relatos que temos, é um bom argumento de que a Igreja o recebeu dos apóstolos; e é difícil conceber como todos viriam a concordar no estabelecimento de tal costume por todo mundo, nos diferentes partidos e opiniões, e nem temos nenhum relato [de que isto tenha acontecido] Comentando, por exemplo, sobre a coleta dos cristãos feita no primeiro dia da semana em 1Co 16.1 e 2, Edwards afirma: "Portanto, não se pode pensar que o Espírito Santo os orientasse neste sentido por motivos seculares, observando circunstâncias particulares do povo dessa cidade, mas sim por motivos religiosos. Ao dar a preferência a este dia da semana para tal obra, antes de qualquer outro, Ele tem em vista algo que alcança a todos os Cristãos, em todos os lugares").

[259] EDWARDS, Jonathan. Op. Cit.

> autorizara a fazer (1Co 11.23). Santificar, então, o *Sabbath*... não é uma lei ab-rogada, mas a lei moral e perpétua de Deus, aperfeiçoada.[260]

O Sábado Cristão traz segurança perpétua ao crente, pois comunica que o Deus Criador é o mesmo que salva e redime seu povo, por isso a igreja pode descansar, "porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra". (Is 54.5).

[260] BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. São Paulo: Editora PES. 2010. P. 242.

CAPÍTULO IV: GUARDANDO O SÁBADO CRISTÃO

O Sábado cristão, como visto, foi, durante toda história da Igreja, um forte alvo de controvérsias. Sua base na Criação e sua inclusão nos Dez Mandamentos o tornaram digno de permanecer de pé, ainda que com muita dificuldade. Certamente existem alguns fatores que explicam esse forte descontentamento dos homens.

O Quarto Mandamento tem uma profunda relação com a prática cristã, de forma tal que se destaca entre os demais mandamentos. A doutrina do Sábado demanda da Igreja, nos Antigo e Novo testamentos, uma manifestação visível da religião cristã, pois o *Sabbath* expressa a própria "face da religião".[261]

O Sábado cristão está incluso nos Dez Mandamentos, isso o torna especial diante de toda a lei juntamente com os outros nove mandamentos. Ainda assim, diante dos demais, o Quarto Mandamento possui certas peculiaridades que exige do cristão, não um nível maior ou menor de devoção, mas uma postura e uma forma que o destaca. É notório que o Quarto Mandamento tem uma maior dificuldade de ser interpretado e que, dependendo da maneira que é tratado, pode ser visto como um mandamento difícil de ser cumprido. O dia do Senhor possui características que podem explicar a constante negligência e indisposição em guardá-lo. Essas características dizem respeito àquilo que é exigido do Quarto Mandamento em sua natureza, e são especialmente três: seu caráter positivo, ou seja, o fato de não começar com uma partícula negativa, "*não*", mas com um verbo no imperativo; sua visibilidade, quer dizer, sua responsabilidade para com a religião manifesta;[262] e sua facilidade em ser esquecido ou dificuldade em ser lembrado, por isso iniciado com um "*lembra-te*". Essas três marcas do Quarto Mandamento o distinguem dos demais mandamentos requerendo não menos ou mais do crente quanto ao nível de observância em face dos outros mandamentos, mas requerendo sim certa postura diferenciada.

Em primeiro lugar, o Quarto Mandamento possui caráter positivo, não sendo iniciado com um "*não*", diferente dos outros mandamentos, exceto o Quinto. Isso comunica o fato de que este Mandamento se atem mais àquilo que deve ser praticado,

[261] Lv 19.30; 23.3.
[262] Ez 20.12.

apesar de que nele existem tanto proibições quanto permissões, como os demais.[263] É interessante observar essa maneira como a Lei, os Dez Mandamentos, é caracterizada pela forma negativa como a maioria dos mandamentos são iniciados. Isso pode ser explicado por seu público, o pecador. A proibição não tem só a função de frear o coração e preservá-lo da impiedade, mas também de tornar manifesta sua corrupção. Foi assim que foi descrito pelo Apóstolo Paulo o objetivo da Lei: "Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa..." (Rm 5.20, cf. Gl 3.19). A Lei Mosaica é bem caracterizada por restrições, e o crente do Antigo Testamento é bem conhecido por sua incredulidade infantil. O teólogo Cornelius Van Til explica que "os pais mais frequentemente dizem 'não' às crianças do que 'façam isso', porque a perversidade de uma criança manifesta-se diretamente em uma direção destrutiva".[264] No caso do Quarto e do Quinto mandamentos a abordagem é diferente,[265] pois o interesse primário da natureza destes mandamentos diz respeito à face da religião e da sociedade, ou seja, mais à ação e àquilo que é exigido dos homens do que propriamente ao que deve ser evitado: "O Quarto e o Quinto Mandamentos têm um caráter religioso-ético e, como tal, formam uma transição entre a Primeira e a Segunda tábuas da lei. O *Sabbath* e a obediência aos pais são de grande importância para a verdadeira religião e também para a verdadeira moralidade".[266] Logo, o Sábado cristão possui implicações mais intensas quanto à responsabilidade ativa do ser humano para com Deus e para com o próximo.

Em segundo lugar, corolário daquela primeira característica, o Quarto mandamento se distingue por sua visibilidade:

> Se não fosse por ele, haveria pouca exibição pública e visível de serviço, adoração e reverência para com o supremo e invisível Ser. O *Sabbath* parece ter sido apontado principalmente para este fim, isto é, sustentar a visibilidade da Religião em público, ou entre os grupos professos de homens; e quanto mais solenemente os deveres do dia forem observados entre um povo, maior será entre eles a manifestação de respeito ao Ser Divino. [267]

---

[263] Jr 17.21,22.

[264] VAN TIL, Cornelius. **Os dez mandamentos**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.

[265] "Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus". (Lv 19.3)

[266] Ibid. p. 3.

[267] EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

A espiritualidade da lei [268] revela que os mandamentos dizem respeito ao coração dos homens,[269] porém seu cumprimento se manifesta visivelmente, e nisso há certa peculiaridade no Sábado com relação aos demais. Dificilmente, por exemplo, encontra-se um cristão que tenha se envolvido em um assassinato. Entretanto, fácil é que os crentes quebrem o Sexto mandamento ("não matarás") em seus corações, odiando a seu irmão.[270] A quebra de mandamentos como "não matarás" ou "não adulterarás" se tornam desta forma pouco manifestas. O Sábado não é assim. Sua quebra é constantemente descoberta, pois na natureza de suas exigências ele é mais visível que os demais, por isso é um "sinal".[271] Um crente que tem problemas com o Sétimo mandamento ou com o Décimo, adulterando em seu coração e cobiçando aquilo que não lhe pertence, pode por longo tempo manter secretos esses pecados. Porém, um crente que comumente transgride o Quarto mandamento tem seu pecado logo descoberto.[272] John Bunyan registra em sua autobiografia que a primeira vez que sentiu convicção de seus pecados foi devido a profanação do dia do Senhor:

> ... de todos os sermões que nosso vigário pregou, um dia ele falou sobre o mandamento de guardar o domingo e sobre o mal de quebrá-lo, ou com trabalho, ou com esportes, ou com qualquer coisa. Ora, a despeito da minha religião, eu me deleitava em todo tipo de prática pecaminosa. Era especialmente aos domingos que achava conforto e prazer em tais atividades. Por essa razão, minha consciência esteve sob convicção durante aquele sermão. Pensava e acreditava que ele fora pregado com o propósito de mostrar-me meus atos maus. Nessa ocasião, descobri pela primeira vez o que era culpa. Até onde posso lembrar, eu nunca havia sentido isso antes.[273]

O Quarto mandamento tem mais facilidade em manifestar a corrupção do coração dos homens do que os demais mandamentos.[274] O Sábado é luz para os que estão em trevas. Esse é um dos fatores que explica a revolta e indisposição dos homens para com o Sábado,[275] implicando na característica seguinte.

---

[268] Rm 7.14.
[269] Mt 5.27,28.
[270] Mt 5.22; 1Jo 3.15.
[271] Ez 20.12; 31.13;
[272] Nm 15.32-36.
[273] BUNYAN, John. **Graça abundante ao principal dos pecadores.** São Paulo: Editora fiel. 2012. P. 27.
[274] Ez 20.12-20.
[275] "A corrupção da nossa natureza que se vê na manifesta oposição dos ímpios, e na secreta má vontade de bons homens que não se dispõe a santificar sinceramente o *Sabath*, demonstra suficientemente que o mandamento do *Sabath* é moral e espiritual". (BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**. São Paulo: Editora PES. 2010. p. 247).

Em terceiro lugar, o dia do Senhor tende a ser esquecido, essa é uma das razões por que é iniciado com "*lembra-te*". "Não existe nenhum outro mandamento de Deus que tenhamos uma maior possibilidade de esquecer do que o mandamento do sábado".[276]

A indisposição dos homens para com o dia do Senhor está naturalmente relacionada à sua indisposição para com o próprio Deus. Mas essa facilidade do Sábado em ser esquecido pode ser justificada também pelo fato de não possuir tanta luz da natureza como os outros mandamentos.

> A luz da natureza nos diz muito pouco sobre o sábado. Por ela só poderíamos saber que devemos dedicar uma porção do nosso tempo a Deus nosso Criador. Não teríamos como saber que parte nem exatamente quanto do nosso tempo dedicar. Para saber isso dependemos inteiramente da revelação especial de Deus, a Bíblia sagrada. A luz da natureza pode ensinar às pessoas que é errado cometer homicídio, mas não pode nos ensinar que se deve santificar um dia de entre sete para a adoração a Deus. Por isso é mais fácil nos esquecermos do mandamento do sábado do que do mandamento para não matar. [277]

Assim, "o Quarto Mandamento é o único que não encontra ao menos alguma resposta espontânea no coração do pecador".[278] Há também o fato de que este mandamento, de certa forma, é exigido que seja cumprido apenas uma vez a cada sete dias. Por isso Vos diz que,

> Se o sábado ocorresse uma vez em cada dois ou três dias não existiriam tantos dias entre os sábados, não seria tão fácil retirá-lo da memória. Mas quando existem seis dias repletos de todo tipo de negócios e atividades entre os sábados, é natural que tendamos a esquecê-lo. Por isso Deus usou de sabedoria ao colocar a expressão 'lembra-te' no mandamento do sábado. [279]

Apesar disso, precisamos entender que, de certa forma, esse mandamento deve começar a ser cumprido na própria expectativa e preparação.

Há ainda outro fator destacado pelo Catecismo Maior de Westminster que ressalta a importância do "lembra-te" no início do mandamento. Diz respeito ao "grande

---

[276] VOS, Johannes Geerhardus. Catecismo maior de westminster comentado. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 392.
[277] Ibid. p. 393.
[278] VAN TIL, Cornelius. **Os dez mandamentos**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[279] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 393.

benefício que há em nos lembrarmos dele".[280] Esse último ponto implica em uma quarta característica peculiar do Sábado, o prazer e alegria ligados ao seu cumprimento.[281] Essa característica não foi listada anteriormente, pois será trabalhada no primeiro tópico deste capítulo quanto à adoração.

Essas características do Sábado que revelam sua natureza prática peculiar o colocam como a coroa da verdadeira religião. Logo, como um dia distinto, um mandamento que exige a manifestação geral da religião cristã, será trabalhado basicamente por suas exigências e exceções conforme descrito no Catecismo Maior, suas obras se resumem basicamente em três tipos de trabalho, a saber:[282] O Culto, e aqui se inclui outras formas de piedade e devoção para com Deus além do Culto solene; obras de necessidade, ou seja, aquelas que dizem respeito a preocupações próprias; e obras de misericórdia, ou seja, aquelas que dizem respeito ao semelhante. Assim, este terceiro capítulo será divido nesses três tópicos, respectivamente.

Do Culto e das Obras de Piedade e Devoção

Como já foi visto e biblicamente definido, o dia do Senhor é um dia separado exclusivamente para que o homem adore e desfrute Deus.[283] O Culto solene está no ápice dessa realidade. Um dia em que o povo cristão se reúne com o fim único de exaltar aquele que os criou e os redimiu, sendo essas verdades o firme fundamento da adoração. Nas palavras de João Calvino:

> ... ainda que nessa ruína do gênero humano ninguém sinta a Deus como pai, autor da salvação ou propício de algum modo, até que o Cristo se nos apresente como um meio de sua pacificação, é diferente sentir que Deus, nosso Criador, sustente-nos por sua potência, reja pela providência, favoreça pela bondade e acompanhe com todo gênero de

[280] Catecismo Maior de Westminster, pergunta 121.
[281] Is 58.14; Sl 118.24.
[282] "Três classes de trabalho, e somente três, podem se encaixar no "*Shabbath* Santo". Trabalhos de *necessidade,* que são aqueles que não poderiam ter sido feitos no dia anterior e que não podem ser relegados para o dia seguinte – tais como cuidar do gado. Trabalhos de *misericórdia*, que são aqueles que a compaixão requer que desempenhemos para com outras criaturas – tais como ministrar aos doentes. Trabalhos de *piedade,* que são o culto a Deus em público e em privado. (PINK, A. W. O quarto mandamento. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/quarto-mandamento-sabbath_pink.pdf.>. Acesso em 6 de Ago. 2018).
[283] Sl 92.1.

> bênçãos, e que nos abrace a graça da reconciliação que nos é apresentada em Cristo.[284]

Ele esclarece:

> Porque o Senhor aparece, em primeiro lugar, unicamente como Criador – tanto na obra do mundo quanto na doutrina geral da Escritura, e, depois, como Redentor na imagem de Cristo – emerge daí um duplo conhecer a seu respeito.[285]

Daí procede que Deus deve ser cultuado como Criador e Redentor de seu povo. Naturalmente ele é aquele que recompensa e favorece os homens, por isso deve ser crido e adorado.[286] Assim sendo, o Sábado Cristão está relacionado àquela quarta característica mencionada anteriormente, que diz respeito ao favor de Deus e ao bem dos homens, assim Calvino continua, dizendo:

> Ainda que nossa mente não possa apreender a Deus sem lhe atribuir algum culto, não bastará, entretanto, defender apenas que ele seja único a ser cultuado e adorado, a menos que também sejamos persuadidos de que ele seja a fonte de todos os bens, para que não os busquemos senão n'Ele.[287]

É por isso que no Sábado cristão, especialmente no Culto ao Senhor, encontram-se prazeres que não podem ser achados em nenhum outro lugar. Ao dia do Senhor estão vinculadas promessas de alegria que sustentam e motivam o povo de Deus a guardá-lo. Por isso Deus mesmo declarou:

> Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado *deleitoso* e *santo* dia do SENHOR, *digno de honra*, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse.[288]

Nota-se nesse texto a ausência de ameaças de punição. Antes, há promessas de deleite e vitória vinculadas à guarda do Sábado. Isso porque, ao que parece, a própria negligência para com o dia do Senhor é a punição em si, pelo fato de que o que está

---

[284] CALVINO, João. **As Institutas da religião cristã**. Tomo I, Livros I e II. São Paulo: editora UNESP. 2008. p. 40.
[285] Ibid. p. 40.
[286] Hb 11.6.
[287] CALVINO. Op. Cit. p. 40.
[288] Is 58.13,14.

sendo posto de lado é o próprio prazer e alegria ligados a este dia. O homem, por negligenciar o dia do Senhor perde a alegria que lhe é proposta e peca contra Deus e contra si mesmo. Comentando esse texto o puritano Matthew Henry diz:

> Devemos considerar o dia do Senhor não só como um deleite, mas chamá-lo assim. Devemos professar abertamente a tranquilidade que experimentamos no dia e nas obrigações relativas a ele. Devemos chamá-lo assim por amor a Deus, em ação de graças a Ele, e por um desejo ardente de sua graça que nos possibilita fazer o trabalho do dia em seu dia, pelo fato de nos deleitarmos nisto. Devemos chamá-lo assim por amor aos outros, para convidá-los a vir compartilhar o prazer dele. E devemos chamá-lo assim por amor a nós mesmos, para que não cogitemos o menor pensamento ou o menor desejo de que o dia que dedicamos ao Senhor logo termine, para que possamos dar prosseguimento às nossas atividades comerciais e seculares. [289]

No meio de todo labor que o ser humano encontra durante a semana e no tempo que gasta consigo mesmo para cuidar de seus negócios e diversões, dele é exigido que busque descanso e a alegria que não são encontrados em outro lugar senão no dia do Senhor. Essa exigência revela, mais que qualquer outro preceito, o favor de Deus aos homens, pois "o Sábado foi feito por causa do homem...".[290] Então, diferente dos demais mandamentos da Lei de Deus, o que é exigido do homem é que ele seja feliz: "este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele" (Sl 118.24). O homem é convidado a desfrutar do próprio Deus sem nenhum obstáculo, assim sendo, o grande argumento que o pecador tem para justificar sua negligência a esse mandamento não é outro senão o de que quer procurar alegria e deleite em outro lugar. Logo, o Sábado pode, na sua forma ilegítima, tornar-se um fardo na vida dos homens:

> Se amamos o mundo e as coisas que são do mundo é claro que qualquer modo conscienciosо de guardar o sábado [cristão] será tido como um fardo indesejável; mas se a ardente e suprema afeição da nossa vida for o nosso amor a Deus, acataremos com boa-vontade a oportunidade e o privilégio de nos apartarmos das questões ordinárias para consagrarmos o dia de sábado à adoração a Deus, e à busca do Seu reino e da Sua justiça de um modo especial.[291]

Um dia reservado para o culto não pode ser desprezado, uma vez que é biblicamente prescrito que o Culto solene deve ocorrer nesse dia em especial e não em

[289] HENRY, Matthew. **Comentário bíblico. Isaías à Malaquias**. Rio de Janeiro: editora CPAD. 2010. P. 284.
[290] Mc 2.27.
[291] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 385.

outro.[292] Portanto, assim como o dia do Senhor é um dia distinto dos demais dias da semana, aquilo que é praticado nele é distinto. A reunião solene no dia do Senhor deve ser tratada de tal maneira que a identifique. Assim como os teólogos de Westminster deixaram um conceito bem definido com respeito ao Sábado cristão, assim também foi com relação à reunião exclusiva dos crentes nesse dia.[293] A adoração solene é a característica visível mais singular deste dia e pertence a ele. É a expressão mais poderosa da união de Deus com seu povo e comunica claramente o fim para o qual Deus fez o Sábado.[294] O Culto, no dia do Senhor, é a clara manifestação da aliança entre o Senhor e a Igreja. O Culto pactual está no cerne da teologia reformada. Palmer Robertson diz: "Em seu aspecto mais essencial, aliança é aquilo que une pessoas. Nada está mais perto do cerne do conceito bíblico de aliança que a imagem de um laço inviolável".[295] Então é de extrema importância observar o Culto solene nestes termos,[296] uma união entre duas partes. Quer dizer que o Culto é uma expressão dialogal de um relacionamento, de um "compromisso de uma pessoa com outra".[297] É de tal modo que Daniel Hyde, sobre o culto reformado diz que "a melhor, a mais bíblica classificação para a adoração seria o culto pactual".[298] John Payne aplica o conceito de pacto ao culto, dizendo:

> A teologia do pacto não somente define o agir de Deus com o seu povo através da história e une toda a Bíblia como o desdobramento de um único plano redentivo de Deus, mas também dita nossa piedade, isto é, nossa resposta a Deus. Porque o pacto é entre duas partes, sua estrutura

---

[292] "os sacrifícios deviam ser trazidos no sábado. Quando estudamos Números 8 e Levítico 1–6, vemos que esses sacrifícios não foram enfatizados de maneira especial como símbolos e "meios" de confissão de pecados, mas foram concebidos para expressar consagração a Deus, bem como gratidão e alegria no Senhor. É verdade que os israelitas foram exortados a afligir as suas almas em um sábado solene (Lv 16.29,31), mas isso devia ser feito no Dia da Expiação. Israel foi exortado a confessar o seu pecado. A oferta pelo pecado e a oferta pela transgressão podiam ser trazidas em qualquer dia. Mas no sábado predominavam os sacrifícios de consagração, gratidão e comunhão alegre." (GRONINGUEN, Van. **O sábado no antigo testamento, II**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/sabado2_van.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018). Êx 31.15,16; 35.2; Lv 19.30; 23.3,32; At 20.7; Ap 1.10.

[293] **Confissão de fé de Westminster,** XXI.1.

[294] Is 56.2-7.

[295] ROBERTSON, Owen Palmer. **O Cristo dos pactos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 14. (Gn 3:14-19; Gn 6:17-22; Gn 17:1,2,9-14; Dt 9:9-11; 2Sm 7 etc).

[296] BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014. "Os meios exteriores que Deus supriu para preservar o culto que lhe é prestado, a dispensação das ordenanças, e a celebração das observâncias religiosas na sociedade cristã – os dispositivos exteriores que ele estabeleceu para a normal comunicação da graça por parte do seu Espírito para todo o grupo de crentes, e que foram instituídos para a sua edificação espiritual e seu crescimento na graça – é um dos mais extraordinários traços do caráter da Igreja de Cristo. P.327

[297] ROBERTSON. Op. cit. p. 15

[298] HYDE, Daniel R. **O que é um culto reformado**. Recife: Editora os puritanos, 2015. p. 27

> também dirige nosso culto. Assim, culto pactual é um diálogo entre Deus e o seu povo. Isto significa que Deus fala conosco e nós lhe respondemos. Deus nos diz: "Eu serei o seu Deus" e nós respondemos: "Nós seremos o seu povo". [299]

No Culto Solene, no dia do Senhor, encontra-se o mais elevado grau do relacionamento de Deus e seu povo, desta forma faz-se necessário um dia na semana em que essa expressão de relacionamento tenha seu momento exclusivo. A igreja primitiva se reunia nesse dia,[300]e quando os hebreus ameaçavam apostatar da fé deixando de congregar,[301] o escritor da carta aos Hebreus define o culto como um encontro com o próprio Deus, Cristo, os anjos e todo o povo, nos céus.[302] Esse momento é singular e pertence unicamente ao Sábado cristão. Por isso, inequivocamente a religião depende disso, pois,

> A guarda espiritual do sábado nos ajuda a manter a comunhão com Deus, e quando mantemos a comunhão com Deus todos os outros afazeres religiosos podem ser cumpridos mais fervorosa e espontaneamente. Mas, se negligenciarmos o sábado, a nossa comunhão com Deus se enfraquece e é possível que negligenciemos também os outros deveres.[303]

É certo que o Culto tem seu momento próprio dentro do Sábado, mas há outras formas de adorar a Deus além do momento solene. Ainda que o momento de Culto chegue ao fim, há muito tempo para ser gasto em louvor e exaltação a Deus, e isso pode ser feito na igreja e nos lares, para que o crente desfrute de Deus ainda em momentos mais íntimos. Edwards diz:

> Devemos gastar o tempo em exercícios religiosos. Este é o propósito mais supremo do *Sabbath*. Devemos manter nossas mentes separadas do mundo, tendo em vista principalmente que estejamos mais livres para os exercícios religiosos. [304]

Assim, os chefes de família têm uma profunda responsabilidade para com sua casa e os que lhe estão sujeitos: "... não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho,

---

[299] Ibid. P. 28

[300] Jo 20.19; At 20.7; 1Co 16.1,2.

[301] Hb 10.25.

[302] **"**Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel." Hb 12.22-24.

[303] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 392.

[304] EDWARDS, Jonathan. **A mudança e a perpetuidade do *Sabath***. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro...” (Êx 20.10). Aqueles que guardam o dia do Senhor e o adoram comunitariamente, trazem essa realidade também para suas casas. Como um pastor que guia o povo de Deus na reunião solene, assim um pai deve conduzir sua família como uma pequena igreja. J. I. Packer, falando sobre os crentes puritanos e o dia do Senhor disse:

> O chefe de família tem a inalienável responsabilidade de cuidar das almas daqueles de sua casa, e que é principalmente no dia do Senhor que ele deve exercer tal responsabilidade. Os pastores puritanos, distinguindo-se dos modernos pastores evangélicos, não planejavam atingir os homens por intermédio das mulheres e das crianças, mas faziam exatamente o contrário. Não eram eles, talvez, mais sábios, e também mais bíblicos? [305]

Essa responsabilidade ensina e resgata o papel dos chefes de família. Sabendo mesmo que a igreja se constitui de famílias, as famílias devem estar bem estruturadas, isto é especialmente visto quando os guias de seus lares conduzem suas famílias à guardar bem o dia do Senhor. “Nisto há uma responsabilidade especial sobre o chefe da casa para conduzir pelo exemplo, liderar a adoração e autoritativamente ordenar aos membros da família que guardem o dia de descanso. ‘É Sábado do Senhor em todas as vossas habitações’ (Lv. 23:3)”.[306] Schwertley acrescenta:

> A fraternidade nesse dia e todo tipo de comunhão deve ser um exercício de culto. “As refeições, e no intervalo dos deveres: nossa fala sempre deveria ser, mas especialmente no dia do Senhor, temperada com sal, Cl. 4:16.” Isto logicamente advêm do fato de que não são as nossas próprias obras nem nossas próprias palavras o que devem ser ditas e feitas no dia de descanso; assim, parentes e amigos devem conversar sobre Deus e Suas obras ou permanecer em silêncio. Mas o dia de alegria, regozijo e celebração não é dia de silencio. [307]

O Sábado significa descanso, como visto, esse descanso implica primariamente no nosso repouso em Cristo, na sua obra de Redenção, e depois no repouso de nossos corpos. Ainda que o dia do Senhor signifique o cessar de toda labuta diária, esse

---

[305] PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus.** São Paulo: Editora Fiel. 2016. P. 401. Os chefes de família devem instruir periodicamente as suas famílias sobre como guardar o Dia do Senhor. Negligenciar isso tem levado primeiro à mera formalidade e, depois, à negligência completa do Dia do Senhor. Erram aqueles que negligenciam o culto público desnecessariamente, mesmo que seja para frequentar o culto individual ou familiar, pois estão estabelecendo sua própria escolha e desejos contra a sabedoria e autoridade de Deus. (OWEN, John. Preparando-se para o dia do Senhor. p. 6).

[306] SCHWERTLEY, Brian. **O culto doméstico no dia do Senhor.** Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/culto_domestico_Dia_Senhor_Brian.pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

[307] Ibid. p. 2.

descanso aplica-se primariamente às almas dos crentes, isso requer atividade e não ociosidade.

> Guardar o domingo significa ação, e não inércia. O dia do Senhor não é um dia de ociosidade. (...) Não se guarda o domingo permanecendo atirado em algum lugar, sem fazer nada. Convém que descansemos das atividades nossos afazeres diários, ocupando-nos nas atividades próprias à nossa vocação celestial. Se não passarmos o dia ocupados nessas atividades, não o estaremos santificando.[308]

O cristão não deve confundir o dia de descanso com um dia de preguiça:

> Ainda que seja um dia de descanso, contudo não foi projetado para ser um dia de ócio. Descansar das ocupações seculares, sem nos ocuparmos com outras coisas, não é nada mais do que nos colocarmos no caminho do Diabo. A mente será empregada de uma forma ou outra; portanto, sem dúvidas, o propósito para o qual devemos retirar de nossas mentes os cuidados mundanos no *Sabath* é o de empregá-las para coisas que são melhores. [309]

Deve haver um descanso físico, mas esse descanso deve ser primeiramente para que o próprio serviço de adoração a Deus seja executado com disposição e sem empecilhos. O descanso físico é natural e necessário, isso será melhor trabalhado no próximo tópico, mas o desejo maior do crente nesse dia deve ser o de estar bem disposto para adorar ao Senhor. Desejar que o domingo chegue apenas para cessar do labor diário é pecaminoso, assim como desejar que o domingo acabe logo. "Essa atitude é errada porque resulta de um coração egoísta e mundano que não tem alegria ou satisfação nas coisas de Deus".[310] Assim, o cessar dos trabalhos mundanos tem o propósito fundamental de descansar naquele que a todos sustenta e a tudo provê, antes mesmo de trazer descanso para os nossos corpos.[311] Esse era o princípio do ano de descanso dado à terra:

> "Se disserdes: Que comeremos no ano sétimo, visto que não havemos de semear, nem colher a nossa messe? Então, eu vos darei a minha bênção no sexto ano, para que dê fruto por três anos. No oitavo ano, semeareis e comereis da colheita anterior até ao ano nono; até que venha a sua messe, comereis da antiga". [312]

Isso diz respeito ao fato de que, ainda que os homens trabalhem arduamente durante seis dias na semana, é Deus quem os sustenta. O dia de Descanso é o dia em

---

[308] Ibid. p. 396.
[309] EDWARDS, Jonathan. **Op. Cit.**
[310] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 386.
[311] Êx 16.23-29.
[312] Lv 25.20-22

que aquele que é Deus é reconhecido como Criador e Redentor dos homens, aquele que tudo provê, pois "Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela. Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados ele o dá enquanto dormem".[313] Por isso o Salmo 92 é intitulado "Cântico para o dia de Sábado", porque declara:

> Bom é render graças ao SENHOR e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade, com instrumentos de dez cordas, com saltério e com a solenidade da harpa. Pois me alegraste, SENHOR, com os teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos. Quão grandes, SENHOR, são as tuas obras! Os teus pensamentos, que profundos![314]

O Criador e Redentor de seu povo será eternamente louvado, enquanto não se faz novos céus e nova terra, o sábado será um "irrompimento do descanso eterno",[315] e o Deus eterno se encontrará com seu povo semanalmente de forma especial no primeiro dia da semana, pois,

> O Dia do Senhor nos concede a antevisão do nosso descanso celestial, quando deixamos de lado nossos labores terrenos; o antegozo do grande banquete de casamento, quando nos aproximamos da Mesa do Senhor (Ap 19.6010); e a vivência antecipatória e prospectiva da eterna comunhão com Deus e seu povo glorificado. Tudo isso ocorre, quando passamos os domingos exercitando a nossa fé em Cristo no contexto do culto público e participando o dia inteiro da comunhão amorosa entre os crentes centrada em Deus (Ap 7.9-17). [316]

As obras de Necessidade

Fica claro que, prioritária e essencialmente, o Sábado existe para o serviço a Deus, e que os homens desfrutem de Deus por meio deste serviço. Mas existem outros tipos de obras que se encaixam na estrutura do dia do Senhor e podem ser feitas, como exigências próprias do Sábado, ou como aquilo que não pode ser evitado, obras de necessidade, e aquilo que é voluntário e permitido, obras de misericórdia. A. A. Hodge esclarece essa abrangência e limite do Sábado cristão:

---

[313] Sl 127.1,2.
[314] Sl 92.1-5.
[315] HORTON, Michael. **Um caminho melhor.** São Paulo: Editora cultura cristã. 2007.
[316] PAYNE, John. **No esplendor da santidade.** Recife: Editora Os puritanos. 2015. P. 96.

> Visto que Deus designou o Sábado para ser um dia em sete, devemos consagrar o dia todo, sem restrição ou alienação, para os propósitos designados; isto é, para descansar do labor secular, para o culto divino e para a instrução de nossos semelhantes. Devemos ser diligentes no uso do dia todo para esses propósitos, e para evitar, bem como, quanto depender de nós, levar nossos semelhantes a evitar tudo quanto obstrua o maior proveito na aplicação do dia para seus próprios fins. E não se deve permitir que algo interfira com essa consagração do dia, exceto as evidentes e razoáveis exigências da necessidade no tocante a nossos próprios interesses, e da misericórdia no tocante às necessidades de nossos semelhantes e dos animais dependentes. [317]

Visto que, como afirma Vos, existem "diferentes opiniões sobre o que constitui uma verdadeira obra de necessidade no sábado",[318] vale usar o breve conceito de Hodge supracitado que define obras de necessidade como aquilo que diz respeito, basicamente, aos "nossos próprios interesses". No dia do Senhor, como em qualquer outro, há necessidades que devem ser supridas, até mesmo para que o culto seja prestado devidamente. Essas necessidades podem naturalmente fazer parte do dia, como dormir e comer, ou podem ser necessidades que aparecem inesperadamente e precisam ser atendidas, como salvar uma vida. Há até mesmo necessidades que variam de acordo com o tempo, pois "algumas coisas hoje consideradas por cristãos conscienciosos como obras de necessidade talvez não o fossem em dias idos".[319]

As obras de necessidade devem ser vistas tanto de maneira negativa, aquilo que não pode ser adiado, como de maneira positiva, "aquilo que resulta na eliminação do maior volume possível de trabalho no dia de Sábado". [320] Obras de necessidade,

> Estritamente falando, (...) são aquelas que não podem ser evitadas nem adiada para um outro dia. Se uma casa pegar fogo as chamas têm de ser apagadas imediatamente; essa é uma obra de necessidade e não viola o sábado. Os animais domésticos têm de receber comida e água, as vacas têm de ser ordenadas, essas tarefas são necessárias porque não podem ser adiadas; elas não violam o sábado. Até mesmo certas tarefas que podem ser adiadas podem ser feitas devidamente no sábado, se visam a eliminar outro trabalho maior nesse dia; seria legítimo gastar quinze minutos no conserto de um carro para evitar o gasto de duas horas conduzindo uma parelha de cavalos ou caminhando para ir à igreja, porque no final isso totaliza um menor volume de trabalho no dia de Sábado.[321]

[317] HODGE, A. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hoge.** Recife: editora Os puritanos. 2013. P. 384.
[318] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 382.
[319] Ibid.
[320] Ibid.
[321] Ibid.

As necessidades no dia do Senhor, em primeiro lugar, tratam-se daquilo que não pode ser evitado. Aqui o legalismo religioso pode se manifestar facilmente, como aconteceu com os discípulos de Jesus: "Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer. Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado." (Mt 12.1,2). Matthew Henry comenta o seguinte:

> Os poderosos não terão os seus caprichos tolerados, mas os pequenos terão as suas necessidades consideradas. A fome é um desejo natural que não pode ser ignorado, mas deve ser satisfeito, e não pode ser aplacado por nada, a não ser alimento; (...). O Senhor está a favor do corpo, e permitiu que a sua própria recomendação fosse prescindida em caso de desespero; a tradição dos anciãos poderia ser ainda mais prescindida". [322]

Esse é um princípio que se aplica a outras necessidades que não podem ser evitadas, como, por exemplo, um cochilo para revigorar o corpo. "Devemos participar de exercícios espirituais no dia de *Sabbath*, mas não podemos nos envolver em exercícios espirituais a menos que estejamos fisicamente aptos".[323] Afinal, "o corpo e a alma têm suas necessidades".[324] Logo, essas necessidades devem ser administradas e supridas visando o bem do corpo para o bem da alma, ou seja, o fim último ainda deve ser a observância devida do dia do Senhor. Que, por meio de certas atividades, o cristão esteja apto para adorar. "Use refrigérios físicos para que possamos nos sentir fortes e bem em nossa adoração. Deus não exige jejum e perda de peso neste dia".[325] Assim, as necessidades que são comuns a outros dias ganham uma natureza religiosa no dia do Senhor, pois seu objetivo é se preparar para Deus.

> Os cochilos não são uma parte religiosa do Dia do Senhor, exceto quando nos ajudam a cumprir os seus deveres. Mesmo viagens longas são permitidas se necessário para participar de uma boa igreja ou cumprir qualquer outra obrigação do Dia do Senhor. Todas as dores e trabalhos no Dia do Senhor são lícitos se nos ajudarem a guardá-lo como devemos. Um homem pode agradar a Deus viajando muito neste dia, enquanto outro pode estar pecando ao fazê-lo. [326]

---

[322] HENRY, Matthew. **Comentário bíblico. Mateus à João**. Rio de Janeiro: editora CPAD. 2010. p. 148.
[323] VAN TIL, Cornelius. **Os dez mandamentos**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[324] Ibid.
[325] OWEN, John. **Como observar o dia do Senhor.** Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/641/como-observar-o-dia-do-senhor-por-john-owen>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
[326] Ibid.

Por isso há, em segundo lugar, necessidades específicas que devem ser supridas para o bom funcionamento do dia do Senhor, como ocorria, por exemplo, com os sacerdotes que trabalhavam no Templo: "Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?" (Mt 12.5). Os que se afadigam no ministério tem em suas vidas um princípio estabelecido quanto àquelas necessidades que precisam ser supridas para que guardemos bem o dia do Senhor. Novamente, o puritano Matthew Henry, comentando o texto citado, diz:

> Os sacerdotes no templo realizavam uma grande quantidade de trabalhos servis no sábado judaico; matando, esfolando e queimando os animais sacrificados, o que, em uma situação normal, seria profanar o sábado judaico; ainda assim, isto nunca foi reconhecido como transgressão ao quarto mandamento, porque o serviço do templo o exigia e justificava. Isso dá a entender que no sábado judaico são lícitos os trabalhos que são necessários, não apenas para o sustento da vida, mas para a adoração; como tocar um sino para convocar a congregação, ir até ao templo e coisas semelhantes. O descanso do sábado deve promover, e não impedir, a adoração no sábado. [327]

Conclui-se, então, que as obras de necessidade ainda que digam respeito a interesses específicos do indivíduo, esses interesses devem ser conduzidos pelo *Sabbath*, pelo temor ao Senhor. Há necessidades que não condizem com essa exigência e que dizem mais respeito a interesses mundanos. As necessidades, ainda que estejam diretamente relacionadas a atividades de outros dias da semana, devem ter em seu foco a devida observância do Sábado cristão. Cristo é o Senhor do Sábado,[328] e, "por este poder, Cristo (...) decreta que as obras de necessidade, se realmente o forem, e não se tratarem de necessidade fingida e inventada, são lícitas (...); e esta explicação da lei mostra claramente que ela deve ser perpétua".[329] Matthew Henry conclui dizendo:

> Nós devemos tomar cuidado para que nada que aconteça no nosso caminho para os deveres sagrados nos incapacite ou nos desvie da devida realização de tais tarefas. Sigamos no caminho do nosso dever, apesar dos truques de Satanás, que se empenha, pelas distorcidas contendas de homens de mentes corruptas, e por muitos outros métodos, em nos perturbar e desordenar".[330]

As Obras de Misericórdia

[327] HENRY, Matthew. Op. Cit. 148.
[328] Mt 12.8.
[329] HENRY, Matthew. Loc. Cit.
[330] Ibid.

Como definido anteriormente as obras de misericórdia são aquelas que dizem respeito ao semelhante, atender às necessidades do próximo, pois "é lícito, nos sábados, fazer o bem" (Mt 12.12). Fazer o bem aos semelhantes condiz com a própria natureza do Sábado, pois este fora criado "por causa do homem".

Dentro do critério de que as obras não diretamente relacionadas à adoração no dia do Senhor não são em sua natureza exigências próprias do Sábado, mas podem ser feitas quando, naturalmente, encontrarem seu lugar ali. As obras de misericórdia podem e devem ser feitas sempre que a condição o exige. Essas obras falam de amor ao próximo e não apenas condizem com a natureza do Sábado, mas revelam a sua essência. Por isso, quando Jesus repreende os fariseus quanto ao Sábado, diz: "Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes" (Mt 12.7). A misericórdia é um dom que certamente tem seu lugar no Sábado, talvez mais que em qualquer outro dia, não que haja tempo para misericórdia, mas pelo fato de o Sábado ser um dia exclusivo para que os homens busquem a Deus e as obras de misericórdia sejam permitidas, isso mostra que esse dia é, em essência, um dia de misericórdia, primeiro de Deus para conosco, depois nossa para com o próximo. Assim, comentando o texto no Evangelho de Mateus, Henry diz:

> Deus quer misericórdia, e não sacrifício (v.7). Os deveres cerimoniais devem render-se à moral, e a lei natural e real do amor e da autopreservação deve assumir o lugar das observâncias rituais. Esta é uma citação de Oseias 6.6. Foi usada antes, em Mateus 9.13, em defesa da misericórdia às almas dos homens; aqui, para a misericórdia aos seus corpos. O descanso do sábado era ordenado para o bem dos homens, para o bem do corpo (Dt 5.14). Mas nenhuma lei deve ser elaborada para contradizer o seu próprio objetivo. 'Se vocês soubessem o que isto quer dizer, se soubessem o que significa ter uma inclinação misericordiosa, vocês teriam lamentado que eles fossem forçados a fazer isto para satisfazer a sua fome, e não teriam condenado os inocentes'.[331]

O dia do Senhor é um dia para que Deus, em Cristo, seja exaltado como aquele que teve misericórdia dos homens. Consequentemente, a misericórdia está na própria constituição do dia do Senhor. Exercer misericórdia no domingo é a prática que reflete aquilo que foi ouvido na pregação do Culto. Exercer misericórdia é ser parecido com aquele que é "Senhor do Sábado". As obras de misericórdia exercidas no dia do Senhor são definidas por Vos como:

> Obras realizadas sem propósito de lucro financeiro, mas por empatia e compaixão do sofrimento humano. Médicos e enfermeiras podem cuidar

[331] HENRY, Matthew. Op. Cit. 148.

> devidamente de doentes no dia de sábado, e podem, é claro, receber a compensação por isso, pois o que torna esse tipo de trabalho legítimo no sábado não é o elemento de lucro, mas o elemento de alívio do sofrimento. Visitar o enfermo no sábado é certamente válido desde que o seja por motivo correto. [332]

O dia do Senhor é um dia de misericórdia. Deus é assim louvado e declarado misericordioso. Paulo, falando aos crentes de Corinto, ordena: "Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No *primeiro dia da semana*, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for." (1 Coríntios 16:1-2). Uma fome havia assolado a Judéia e muitos crentes estavam padecendo.[333] Paulo, insistentemente fala a respeito disso em suas cartas (Rm 15.26; Gl 2.10; 1Co 16.1,2; 2Co 8 e 9). Paulo, por estes fatos, fala profundamente a respeito da misericórdia cristã, por exemplo, quando comenta sobre a mobilização dos crentes da Macedônia, que mesmo não tendo condições, procuraram ajudar os irmãos de Jerusalém que necessitavam (2Co 8.1-4).[334]

Essa intensa demonstração de misericórdia tinha um fundamento, era o próprio amor de Cristo: "pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos." (2Co 8.9). Foi essa misericórdia que Paulo exigiu dos coríntios quando pediu que, no primeiro dia da semana, o dia do Senhor, os crentes de Corinto trouxessem ofertas para o auxílio dos santos necessitados.[335] Naturalmente era conveniente que a coleta fosse feita nesse dia, uma vez que era o dia em que a Igreja se reunia,[336] porém havia mais do que isso. As obras de misericórdia no primeiro dia da semana caracterizavam aquele dia como um dia favorável a essas ações. O Sábado como o sinal e a face da religião cristã está diretamente associado à misericórdia.[337] Edwards, por isso, conclui que o primeiro dia da semana tinha prioridade sobre os outros tratando-se dos exercícios de caridade:

> Pode ser observado que o apóstolo ordenou às outras igrejas que estavam concentradas no mesmo dever que o fizessem no primeiro dia da semana, 1 Coríntios 16:1: "fazei vós também como ordenei às igrejas

---

[332] VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007. P. 382.
[333] At 11.27-30.
[334] Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos.
[335] 1Co 16.1,2.
[336] At 20.7; Ap 1.10.
[337] Tg 1.27.

> da Galácia". Logo, podemos aprender que não havia nada peculiar às circunstâncias dos Cristãos em Corinto, que fosse a razão pela qual o Espírito Santo insistiu que a coleta fosse realizada neste dia da semana. Paulo havia dado ordens semelhantes às igrejas da Galácia. Ora, a Galácia era muito distante de Corinto. O mar as separava, e havia muitos países entre elas. Portanto, não se pode pensar que o Espírito Santo os orientasse neste sentido por motivos seculares, observando circunstâncias particulares do povo dessa cidade, mas sim por motivos religiosos. Ao dar a preferência a este dia da semana para tal obra, antes de qualquer outro, Ele tem em vista algo que alcança a todos os Cristãos, em todos os lugares.[338]

Não condiz com o espírito do cristianismo a religiosidade individualista. A igreja é uma comunidade, as obras de misericórdia não só revelam como enriquecem esse fato.[339] "O que pode ser mais apropriado do que, nesse dia, expressar nosso amor e misericórdia para com nossos semelhantes, em especial aos nossos irmãos Cristãos?"[340] No dia do Senhor, a igreja se revela como um corpo no Culto solene, e nesse momento fica claro que os crentes se reúnem como um só povo, portanto a misericórdia está no cerne dessa realidade.[341] Assim, John Owen recomenda:

> Faça obras de caridade e necessidade. Visite o doente. Alivie os pobres. Ajude os aflitos. Resgate pessoas ou mesmo animais que estejam perecendo. Alimente o seu gado. Todos nós sabemos que essas coisas são legítimas no Dia do Senhor, e muitos têm escrito para defendê-las.[342]

O Sábado Cristão torna-se assim, não porque o fazemos, mas primeiro porque Deus o fez, um dia único que anuncia de forma singular aquilo que possui valor eterno, um dia do amor do Senhor por seu povo e consequentemente do povo pela Igreja do Senhor. Sendo devidamente observado, o Sábado cristão torna-se para o crente um manancial de bênçãos, a feira da alma.[343] No dia do Senhor o amor de Deus em Cristo se torna visível no âmago da vida da Igreja e Deus é assim louvado e anunciado na terra:

> Assim diz o SENHOR: Mantende o juízo e fazei justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, prestes a manifestar-se. Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do

---

[338] EDWARDS, Jonathan. **A mudança e a perpetuidade do *Sabath***. Op. cit.
[339] 1Jo 3.16-18.
[340] EDWARDS, Jonathan. Op. Cit.
[341] Ef 4.25-5.2.
[342] OWEN, John. **Preparando-se para o dia do Senhor.** Op. cit.
[343] '… esse é o dia da feira das nossas almas, no qual vamos à feira da casa de Deus, para comprar o vinho e o leite da palavra, sem dinheiro. Como se dá isso? Ouvindo e atentando para a palavra de Deus, aquela verdade pela qual somos santificados, João 17:17, e orando a Deus; assim, pela palavra e oração somos santificados". (Henry Burton, The Law and the Gospel Reconciled (London, 1631), p. 64. Citado em MCNAUGHTON, Ian. Shabbath: O Dia do Senhor. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/shabbath-dia-Senhor_McNaughton.pdf.> Acesso em 04 de Ago 2018.

> homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal. Não fale o estrangeiro que se houver chegado ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, com efeito, me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que eu sou uma árvore seca. Porque assim diz o SENHOR: Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. [344]

***

Deus rico em misericórdia, tem compaixão de nós, Teu povo. Que por Tua misericórdia, sejamos auxiliados na devida guarda deste dia de consolo e graça, dia deleitoso, Teu santo dia. Ajuda-nos a aproveitá-lo ao máximo para o benefício de nossa alma e de nossa vida como um todo. Para que alcancemos as mais ricas bênçãos prometidas para nós em Cristo Jesus, e possamos ver dias prósperos na vida da Tua Igreja. Misericórdia, Senhor!

[344] Is 56.1-5.

CONCLUSÃO

Historicamente o Sábado cristão sempre representou uma expressão singular da religião cristã, por isso, consequentemente, o declínio do cristianismo esteve diretamente relacionado à má interpretação e negligência do Quarto mandamento. Que, positivamente, a firmeza e relevância dos cristãos também estavam diretamente relacionados à devida compreensão e postura para com o dia do Senhor. O Sábado cristão, especialmente consolidado na pós-reforma, foi um poderoso selo da Igreja de Cristo que exerceu um papel fundamental na purificação e estrutura da Igreja e mesmo da sociedade.

A devida compreensão da doutrina do dia do Senhor depende, essencialmente, de um entendimento bem fundamentado na doutrina do conhecimento de Deus como Criador e Salvador dos homens. Assim, Deus se manifesta por meio da sua Lei, dada aos homens por um pacto, Lei esta entregue e escrita no coração de Seu povo e que jamais deverá ser ab-rogada. O Sábado é apresentado como que diretamente associado a essas duas formas de revelação do Senhor, a saber, aquele que criou o universo pelo poder da sua Palavra e o redimiu pela obra do Verbo encarnado. Que essa compreensão que fundamenta e é raiz da própria teologia cristã, estando bem consolidada, ilumina e sustenta a doutrina do Sábado e, por sua vez, sem essa compreensão, a saber, do Sábado estabelecido sobre os fundamentos da Criação e da Redenção, o crente dificilmente entenderá as principais características trabalhadas aqui, a perpetuidade do Sábado na Criação, e a mudança do dia na Redenção.

O Sábado cristão não poderá jamais ser abandonado pela Igreja sem que isso lhe traga terríveis malefícios. Portanto, a Igreja deverá guardar o dia do Senhor, o Domingo, exclusivamente para prestar o devido serviço ao Senhor, conforme prescrito na Palavra, para que assim receba e desfrute das bênçãos que são vinculadas àquele dia, por meio do qual Deus faz crescer o seu povo. *Sola Scriptura. Soli deo Gloria*!

BIBLIOGRAFIA

1. AGOSTINHO. **Carta 55: resposta às perguntas de Jenaro 13,23. Obras Completas de Santo Agostinho, Tomo 8**. Madri: Biblioteca de Autores Cristãos, 1986.
2. AGOSTINHO. **Resposta ao maniqueu Fausto, Livro XVIII.** Disponível em: <https://resistireconstruir.wordpress.com/2013/10/12/resposta-de-s-agostinho-ao-maniqueu-fausto-livro-xviii/>. Acesso em 23 de Mar. 2018.
3. ANGLADA, Paulo. **Introdução à hermenêutica reformada.** Pará: Editora Knox, 2015.
4. BANNERMAN, James. **A igreja de Cristo, vols. 1 e 2**. Editora os puritanos. Recife, PE. 2014.
5. BAPTISTA, Walter. **Dia de descaso.** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/dia_descaso.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
6. BAYLY, Lewis. **A prática da piedade**.. São Paulo: Editora PES. 1º Ed. 2010.
7. BEALE, G. K. **Teologia bíblica do novo testamento.** São Paulo: Editora vida nova, 2018.
8. BECKWITH, Roger T. and STOTT, Wildrif. **This is the day.** London: Blutler & tanner Ltd, 1978.
9. BEEKE, Joel. **Espiritualidade reformada. Uma teologia prática para a devoção a Deus**. São Paulo: Editora fiel. 2014.
10. BRAY, Gerald, História da Interpretação Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2017.
11. BUNYAN, John. **Graça abundante ao principal dos pecadores.** São Paulo: Editora fiel. 2012.
12. CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos. Uma história da igreja cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2001..
13. CALVIN, John. **Sermons on deuteronomy. Sermon 34**. Disponível em: <http://www.epctoronto.org/Press/Publications_JRHughes/John%20Calvin%20%20Sabbath%20from%20Deut%201.pdf>. Acesso em 04 de Abr 2018.
14. CALVINO, João. **As Institutas da religião cristã**. Tomo I, Livros I e II. São Paulo: editora UNESP. 2008.

15. CALVINO, João. **Gênesis, Volume I.** 1º ed. Recife: Editora Clire, 2018.
16. CALVINO, João. **Institutas da religião cristão.** Edição integral. São Paulo: UNESP, 2007.
17. CARSON, D. A. **Do Shabbath para o dia do Senhor.** 1º ed. São Paulo: Editora cultura cristã, 2006. Catecismo Maior de Westminster, pergunta 121.
18. **Confissão de Ausburgo**, Art. 28.
19. **Confissão de Fé de Westminster**, I.VI.
20. CORLEY, Bruce; LEMKE, W. Steve; LOVEJOY, Grant I. **Biblical hermeneutics.** 2º ed: Broadman & Holman publishers. 2002.
21. **Credo Constantinopolitano**.
22. **Credo de Calcedônia.**
23. **Credo de Nicéia.**
24. **Didaquê: a instrução dos doze Apóstolos, XIV.1.**
25. EDWARDS, Jonathan. **A Mudança e a Perpetuidade do Sabath**. Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/155/a-mudanca-a-perpetuidade-do-sabath-por-jonathan-edwards>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
26. **Epístola de Barnabé, 15.9**.
27. EUSÉBIO. **Patrística - História Eclesiástica**. Paulus Editora. Edição do Kindle.
28. FERGUSON, Singlair. **Espírito santo.** Recife: Editoro Os puritanos, 2016.
29. GRONINGUEN, Van. **O sábado no antigo testamento, I**. Disponível em: < http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/sabado_van.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
30. GRONINGUEN, Van. O **sábado no antigo testamento, II**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/sabado2_van.htm>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
31. HAMILTON, Ian. **O dia do Senhor e o culto reformado.** Disponível em: <http://ospuritanos.blogspot.com.br/2011/03/odia-do-senhor-e-o-culto-reformado-ian.html>. Acesso em 06 de Abr 2018.
32. HANKO, Herman. **Retratos de santos fiéis.** [Livro eletrônico]. 1º ed. Traduzido por Thiago Mchertt. Fireland. 2013. Disponível em: < https://livros.gospelmais.com.br/files/livro-ebook-retratos-de-santos-fieis.pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.

33. Henry Burton, The Law and the Gospel Reconciled (London, 1631). Citado em MCNAUGHTON, Ian. Shabbath: O Dia do Senhor. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/shabbath-dia-Senhor_McNaughton.pdf. Acesso em 04 de Ago 2018.
34. HENRY, Matthew. Comentário bíblico. Isaías à Malaquias. Rio de Janeiro: editora CPAD. 2010. HENRY, Matthew. **Comentário bíblico. Mateus à João**. Rio de Janeiro: editora CPAD. 2010.
35. História eclesiástica, 3, XXVII.
36. HODGE, A. A. **Confissão de fé de Westminster comentada por A. A. Hoge.** Recife: editora Os puritanos. 2013.
37. HORTON, Michael. **Um caminho melhor**. São Paulo: Editora cultura cristã, 1º ed. 2007.
38. HULSE, Errol. Quem foram os puritanos? São Paulo: editora pes. 2004. p.164.
39. HYDE, Daniel R. **O que é um culto reformado**. Recife: Editora os puritanos, 2015.
40. Inácio de Antioquia, **Carta aos Magnésios, 9**.
41. Institutas da religião cristã, 2, VIII.31.
42. KEVAN, Ernest. **A lei moral**. Recife: Editora os puritanos. 1º ed. 2000.
43. LEE, Francis Nigel. **O que Calvino realmente disse sobre o quarto mandamento?** Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com.br/2016/06/o-que-calvino-realmente-disse-sobre-o.html>. Acesso em 04 Abr 2018.
44. MCGRAW, Ryan. **Todo o conselho de Deus. Lógica e claramente deduzido das Escrituras.** Recife: Editora Os puritanos, 2014.
45. OWEN, John. **Como observar o dia do Senhor.** Disponível em: <http://oestandartedecristo.com/ebook/641/como-observar-o-dia-do-senhor-por-john-owen>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
46. PACKER, J. I. **Entre os gigantes de Deus.** São Paulo: Editora Fiel, 2016.
47. PAYNE, John D. **No esplendor da santidade:** redescobrindo a beleza da adoração reformada para o século xxi. Editora os puritanos. Recife, PE. 1º Ed. 2015.
48. PIPA, Joseph A. **O dia do Senhor.** 1º ed. Recife: Editora os puritanos, 2000.
49. ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos pactos**. São Paulo: Editora cultura cristão. 2º ed. 2011.

50. RYKEN, Leland. **Santos no mundo. Os puritanos como realmente eram**. Editora fiel. São José dos Campo, SP. 2º Ed. 2013.
51. RYKEN, Leland. **Santos no mundo. Os puritanos como realmente eram**. Editora fiel. São José dos Campo, SP. 2º Ed. 2013.
52. SCHWERTLEY, Brian. **O culto doméstico no dia do Senhor.** Disponível em < http://www.monergismo.com/textos/dez_mandamentos/culto_domestico_Dia_Senhor_Brian.pdf >. Acesso em 06 de Ago. 2018.
53. Segunda CH, XXIV. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf>. Acesso em 06 de Ago. 2018.
54. Tertuliano de Cartago, **Da oração XXIII, 2**.
55. **The acts of Peter.** Disponível em: < http://www.earlychristianwritings.com/text/actspeter.html>. Acesso em: 16 de Mar. 2018.
56. Tomás de Aquino. **Suma teológica, 1a 2ae Quest. 122, art. 4.**
57. VAN TIL. **O Quarto Mandamento**. Disponível em < https://www.yumpu.com/pt/document/view/57493184/o-quarto-mandamento-o-sabath-por-cornelius-van-til >. Acesso em 06 de Ago. 2018.
58. VERBRUGGE, Verlyn D. **Novo dicionário internacional de teologia do novo testamento. [edição condensada].** São Pauo: Vida Nova, 2018.
59. VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de westminster comentado**. Recife: Editora os puritanos. 2007.
60. WALKER, Williston. **História da igreja cristã, volume I.** São Paulo: Aste, 1967.
61. WALTKE, Bruce K. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo: editora vida nova. 1º ed. 2016.
62. WATSON, Thomas. **Sanctifying the lord's day and holy conversation**. Disponível em: <http://www.apuritansmind.com/puritan-worship/the-lords-day/sanctifying-the-lords-day-and-holy-conversation-by-rev-thomas-watson/>. Acesso em 04 de Jul 2018.
63. WATSON, Thomas. **The fourth commandment.** Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/watson/commandments.iv.iv.html>. Acesso em 09 de Abr 2018.

64. WOOLSEY, Andrew A. **Unidade e continuidade na teologia da aliança.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.